



**RATIO – FACULDADE TEOLÓGICA E FILOSÓFICA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

MATHEUS ALLEFE DA SILVA DOS SANTOS

**A INTERVENÇÃO DA PSICOMOTRICIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR**

**FORTALEZA
2019**

MATHEUS ALLEFE DA SILVA DOS SANTOS

**A INTERVENÇÃO DA PSICOMOTRICIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, do curso Superior em Educação Física da Faculdade RATIO.

Orientador: Prof. Esp. Helton Bernardino Lima.

**FORTALEZA
2019**

MATHEUS ALLEFE DA SILVA DOS SANTOS

A INTERVENÇÃO DA PSICOMOTRICIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Monografia submetida à aprovação do curso de licenciatura em Educação Física, pela Faculdade Teológica, como requisito parcial para obtenção de título de licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Esp. Helton Bernardino Lima.

Aprovado em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Helton Bernardino Lima
(orientador / faculdade Ratio)

Prof. Ms. Antônio Adriano da Rocha nogueira
Faculdade Ratio

Prof. Ms. Paulo Gabriel Lima da Rocha
Faculdade Ratio

Dedico esta monografia aos meus pais e à minha esposa que muito se esforçaram na minha graduação. Um exemplo de luta, garra, amor, fé, companheirismo e muito mais. Que depositaram em mim uma educação que levarei comigo para resto da vida.

AGRADECIMENTO

Chegou a hora de agradecer e por isso começo por Deus que esteve sempre ao meu lado em todos os momentos para garantir que minha meta fosse alcançada.

À minha família, meu pai Antônio Cláudio dos Santos, minha mãe Silvanira da Silva Nascimento, minha irmã Maria Clara da Silva dos Santos e minha esposa Lucimaria Ferreira do Carmo por sempre estarem comigo em todos os momentos.

Aos meus amigos a força que incutiram no meu pensamento para não desistir e o conforto de saber que nunca estarei só e sempre serei capaz de tudo por maiores que sejam as dificuldades. Saibam que reconheço tudo que fizeram por mim.

Agradeço a todos os professores por me passar um pouco dos seus conhecimentos, e abrir cada vez mais os meus olhos para o mercado de trabalho que a área da educação física pode me proporcionar. Todos deixaram sua marca e ficaram presentes, contribuindo para minha formação profissional e pessoal. E para todos os mestres, um especial agradecimento. Obrigado pela dedicação, pelo empenho e carinho.

Ao Coordenador, professor Fernando Castro Sales, por todo o esforço e puxões de orelha que o senhor deu em cada um de nós, nos motivando a esforçar-se cada vez mais. Agradeço de coração, por tudo.

Ao meu orientador, professor Helton, que sempre esteve disponível para tirar minhas dúvidas – que eram frequentes – e por estar me motivando cada dia mais e mais a sempre querer ser o melhor, a me esforçar mais e estar procurando a cada dia mais conhecimento.

Em relação à Universidade, só posso garantir que jamais sairão da minha memória instantes ímpares e que trouxeram conforto, alegria e a ambição necessária para alcançar esta etapa na minha vida.

Quero agradecer aos meus professores de estágio Maria Rejania e Carlos Henrique, da Escola de Ensino Infantil e Ensino fundamental Pedro Holanda. Ao professor Irapuan, do colégio Marcionílio Gomes de Freitas (Liceu de Senador Pompeu), por todo o apoio e ensinamento e por sempre estarem a me motivar cada vez mais a seguir nesta profissão. Dedico todo meu respeito e admiração por vocês, obrigado.

Aos meus amigos Cicero da Silva - o nosso famoso Cônia - que sempre esteve animando a nossa turma com as suas histórias de vida e sempre tirando de nós as melhores gargalhadas. Agradecer à Marília Pinheiro, aventureira, nossa mulher guerreira, sempre batalhando pelos seus ideais e contagiando a todos por sempre pensar pelo lado positivo da vida e que sem Deus nada somos. Agradecer ao Ermeson Duarte - o nosso palhacinho - sempre em alto astral contando piadas boas e nem tão boas, um irmão que a vida me deu, sempre estando lado a lado de cada um. Só tenho a agradecer cada um de vocês por serem mais que meus amigos e sim meus irmãos, nunca deixando alguém de lado, sempre querendo fortalecendo uns aos

outros. Obrigado por tudo, meus amigos, amo cada um de vocês do jeito que cada um é, e espero estar sempre ao lado de todos.

Obrigado, meu Deus, por tudo.

O Senhor é o meu pastor, nada me faltará. Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranquilas. Refrigera a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça, por amor do seu nome. Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque Tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam.

Preparas uma mesa perante a mim na presença dos meus inimigos, unges a minha cabeça com óleo, o meu cálice transborda. Certamente que a bondade e a misericórdia divina me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na casa do Senhor por longos dias.

Salmo. 23

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo, para a área da Educação Física Escolar, uma reflexão quanto ao sentido educativo das práticas corporais realizadas no Ensino Fundamental. Neste trabalho, apresentamos a Educação Física por meio de um estudo histórico, que por um longo período tratou suas atividades corporais como movimento pelo movimento. Desse período histórico até o presente momento, percebemos a necessidade de questionarmos sobre a importância de analisar os movimentos corporais, no que se refere aos significados e principalmente quanto aos significados dos educandos durante as aulas. O interesse partiu primeiramente de minhas próprias aulas, prosseguindo paralelamente com uma investigação bibliográfica da Educação Física nos níveis de 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental. Tal investigação tem o papel de proporcionar novas propostas de ensino aos professores, no que tange o desenvolvimento de posturas, comportamentos, atitudes e ações educacionais para a Educação Física no 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental.

Palavras Chaves: Educação física escolar; atividades corporais; desenvolvimento.

ABSTRACT

The objective of the present work is for the School Physical Education area a reflection on the educational sense of corporal practices carried out in Elementary School. In this work we present the Physical Education through a historical study, that for a long period treated its corporal activities, like movement by the movement. From this historical period up to the present moment, we perceive the need to question the importance of analyzing the body movements, with regard to meanings and especially with regard to the reassigned ones of the students during the classes. Interest first came from my own classes, continuing in parallel with a bibliographical investigation of Physical Education in the levels of 1st and 2nd cycles of Elementary School. This research has the role of providing new teaching proposals to teachers, regarding the development of postures, behaviors, attitudes and educational actions for Physical Education in the 1st and 2nd cycles of Elementary School.

Keywords: School physical education; body activities; development.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	14
1 AS ETAPAS DA EDUCAÇÃO DE ACORDO COM A LDB	14
1.1 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	14
1.2 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E A LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO (9394/96)	17
1.3 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA ED. INFANTIL E NO 1º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL, QUEM DEVE APLICAR?	17
CAPÍTULO II	22
2 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO MUNDO	22
2.1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL	25
CAPÍTULO III	30
3 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE AS PRÁTICAS CORPORAIS NO ÂMBITO ESCOLAR	30
3.1 O MOVIMENTO CORPORAL PARA O DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL	31
CAPÍTULO IV	36
4 ORIGEM DA PSICOMOTRICIDADE	37
4.1 PSICOMOTRICIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR	39
CAPÍTULO V	42
5 AS PRÁTICAS CORPORAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR DO ENSINO FUNDAMENTAL 1º E 2º CICLOS	42
5.1 CORPO E EDUCAÇÃO FÍSICA	43
5.2 MEU CORPO, NOSSO CORPO	46
5.2.1 O SENTIMENTO CORPORAL	47
5.3 CORPO E APRENDIZAGEM	48
6 PROPOSTA DE EDUCAÇÃO SIGNIFICATIVA E RESSIGNIFICATIVA PARA O MOVIMENTO CORPORAL NO 1º E 2º CICLOS DO ENSINO FUNDAMENTAL	53
6.1 POSSIBILIDADES DE MUDANÇAS POR MEIO DO ESPORTE NA ESCOLA	54
6.2 O ESPORTE NA ESCOLA: SUA REALIDADE	55
6.3 ABORDAGENS CRÍTICAS	57
6.4 OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS	59
6.5 INSERÇÃO DE NOVAS MODALIDADES ESPORTIVAS	60
6.6 O RESGATE DO LÚDICO NO ESPORTE	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62

1 INTRODUÇÃO

A concepção de fazer uma pesquisa sobre o sentido educativo das práticas corporais na Educação Física Escolar no Ensino Fundamental, inicia num momento histórico, em que educandos e educadores estão imersos atualmente por transformações culturais relacionadas ao movimento corporal. Tal movimento, de certa forma, demonstra uma nova reestruturação das ações humanas no âmbito escolar possibilitando uma visão de “ressignificação” da área da Educação Física sobre o fenômeno corporeidade, sendo esse “olhar” descrito por uma bagagem corporal extremamente importante para o ensino significativo dos conteúdos durante as aulas.

Para essa construção científica do referido trabalho, a metodologia utilizada está centrada em fontes que discutem o ensino das práticas corporais nas aulas de Educação Física Escolar do 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental, sendo do tipo teórico, tendo como fonte de estudo a pesquisa bibliográfica. Sendo assim, este trabalho constitui-se com base em um enfoque compreensivo, seguido por uma abordagem qualitativa, apresentando as seguintes questões de estudo: Dentro do processo educativo como funciona a Educação Física Escolar? Que ensino exerce por meio de suas práticas corporais? Quais significados e sentidos educativos desenvolve em suas aulas? Para atender tais questões serviram como referências principais autores como Saviani, Castellani Filho, João Batista Freire, Mauro Mattos, Oliveira, Libâneo entre outros, por apresentarem uma rica e vasta produção acadêmica /científica a respeito do assunto. Apresentamos a consciência da importância de superar o atual modelo da Educação Física no âmbito da escola, esse trabalho resgata a importância das práticas corporais no Ensino Fundamental 1º e 2º ciclos, revendo com isso o sentido educativo que desperta nas crianças. Vejamos a seguir, por etapa, como deve se trabalhar a educação física do ensino infantil ao médio.

Na educação infantil a Educação Física está preparada para atender às demandas legais postas pela inclusão obrigatória deste componente curricular e seus saberes na Educação Básica. A educação infantil tem um caráter fundamental: ser o primeiro momento de educação escolar e não somente um lugar onde se toma conta das crianças enquanto os pais trabalham. Para o autor, é na educação infantil que se

formam as bases de todo o conhecimento humano, portanto as habilidades motoras são desenvolvidas nessa fase. O teórico Alves argumenta que o educador que trabalha com Educação Infantil não precisa ensinar a criança a brincar, pois este é um ato que acontece normalmente, mas sim a planejar e organizar situações para que as brincadeiras ocorram de maneira diversificada, possibilitando as crianças escolherem os temas, papéis, objetos e os companheiros que querem brincar. O professor tem como obrigação fazer uso de novas metodologias, procurando sempre incluir na sua prática as brincadeiras, visto que o objetivo é formar alunos atuantes, reflexivos, participativos, autônomos, críticos, dinâmicos e capazes de enfrentar desafios do cotidiano.

A Educação Física, nesta etapa, deve incluir à proposta pedagógica escolar. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1), nessa fase os conteúdos devem conter práticas como jogos, brincadeiras, danças, conhecimentos sobre o corpo, manifestações ginásticas e jogos de oposição aplicados às lutas. Nos jogos e brincadeiras é necessário que o professor trabalhe com jogos de procura, ocupação de espaço, jogos de mesa, tabuleiros, jogos eletrônicos e pré-desportivos. Após estudos do corpo humano, seus apoios, suas posições, suas formas e expressões corporais, devem estar presentes. As danças devem fazer parte do processo de formação nessa etapa, assim também como as manifestações de ginástica e as lutas envolvendo estratégias, táticas, movimentos, atitudes, princípios e valores.

Nessa visão, João Batista Freire afirma que o trabalho da Educação Física envolvendo as vivências corporais por meio dos jogos, esportes, danças, ginásticas e lutas, utilizando materiais variados como caixas, bolas, pneus, cordas, bancos (integrados ao contexto social dos alunos), se torna uma conotação significativa e ajuda no processo de criação da identidade e da autonomia corporal do educando. A abordagem de tais conteúdos aprofunda o desenvolvimento do pensamento lógico e dedutivo das crianças, que passam a compreender as regras e se tornam independentes e autônomos. Desse modo, o grau de complexidade aumenta e leva os educandos a buscar soluções para superar as mais diversas experiências e situações.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física (1) abordam os conteúdos relacionados à cultura corporal, com isso, nessa fase, o conhecimento

passa a ser mais cultural. O pensamento lógico e dedutivo possibilita ao aluno maior compreensão e conhecimento sobre o corpo, maior domínio e eficiência nos esportes, maior compreensão de regras das modalidades esportivas com caráter oficial e competitivo. De acordo com o que foi dito anteriormente, os jogos, as lutas e a ginástica também passam a fazer parte deste contexto, assim como as características e fundamentos dos esportes coletivos, como por exemplo o basquete, o voleibol, o handebol e o futsal; e dos esportes individuais, como por exemplo o atletismo e as lutas. A eficiência dos movimentos nesta etapa permite mais rapidez, maior aperfeiçoamento nos movimentos, maior assimilação e melhora no desempenho das atividades, no lazer, no trabalho e na saúde.

A Educação Física para o aluno do Ensino Médio de acordo com os Parâmetros Curriculares, está estruturada para atender às demandas postas pela inclusão desse componente curricular como área de conhecimento, mais exclusivamente na área de Linguagem Códigos e suas Tecnologias. Nessa situação, a Educação Física ganha papel central na formação dos alunos ao compreender a linguagem corporal como relevante para a própria vida do jovem, como integradora social e formadora da sua identidade. Sendo assim, diante dessa nova exigência, a concepção de Educação Física no Ensino Médio deve permear as práticas corporais como produções culturais e compreendê-las como linguagens que expressam e comunicam sentidos, significados, valores e contradições da sociedade nas quais elas se manifestam. Nessa perspectiva, a Educação Física deve articular de forma crítica e complexa as práticas corporais aos grandes temas sociais como saúde, estética, nutrição, alimentação balanceada, fome, obesidade, mudança no estilo de vida, importância da atividade física para a saúde, efeitos fisiológicos da atividade física no organismo, como também a capacidade de alterar e interferir nas regras dos esportes, atuando nos espaços de forma autônoma.

CAPÍTULO I

1 AS ETAPAS DA EDUCAÇÃO DE ACORDO COM A LDB

Segundo a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da educação) a organização do ensino no Brasil deve ser dividida nas seguintes etapas, são elas:

- Educação Infantil – creches (de 0 a 3 anos) - É gratuita, mas não obrigatória. E pré-escolas (de 4 e 5 anos) – gratuita.
- Ensino Fundamental – anos iniciais (do 1º ao 5º ano) - (6 a 10 anos de idade) e anos finais (do 6º ao 9º ano) - (11 a 14 anos de idade) – É obrigatório e gratuito.
- Ensino Médio – O antigo 2º grau (do 1º ao 3º ano) - (15 aos 17)
- Ensino Superior

O Ensino fundamental é compreendido no 1º ano (antigo CA) até o 5º ano (antiga 4ª série). A faixa etária dos alunos vai de 6 anos até aproximadamente 10 anos, não levando em consideração a distorção série idade. Nessa faixa etária acontecem diversas transformações no desenvolvimento infantil, por isso os estímulos devem ser constantes, o “novo” deve ser sempre inserido no cotidiano da criança para que ela aprenda a lidar com as situações do dia-a-dia e a vencer os obstáculos que surgirão. O “corpo físico” também necessita e deve ser educado. “Tudo o que tem influência na conduta e na personalidade é Educação” (CONFEEF, 2006). De acordo com Freire (1992), o movimento corporal deve ser interpretado como um recurso pedagógico valioso no ensino fundamental, especialmente no primeiro segmento do ensino, pois “a mão escreve o que a mente pensa a respeito do mundo com o qual a criança interage” (Freire, 1992, p. 81).

1.1 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

“A LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 20 de dezembro de 1996, tornou obrigatório o ensino da Educação Física escolar nas escolas de ensino básico” (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio). Antes, essa disciplina era obrigatória apenas a partir do Ensino fundamental (6º ao 9º ano) e Ensino Médio (PLANALTO, 2006). Porém essa falta de obrigatoriedade não respeitava o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990), nele diz que “a criança e o adolescente têm direito à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer”

(APOSTILAS & CURSOS, 1990 p.6), também contrariava a Carta Internacional da Educação Física e do Desporto (aprovada em 21 de Novembro de 1978 pela conferência geral da UNESCO em sua 20ª reunião, celebrada em Paris), que diz em seu artigo 1º que “é direito fundamental de todo ser humano de praticar Educação Física e o desporto” (CONFEEF, 2006). BARBOSA, afirma nesse trecho que:

É esse poder legal, representado por leis e decretos, que confere a Educação Física o “status” de disciplina obrigatória do currículo escolar da Educação Básica, permitindo que sua ação pedagógica se exerça com autoridade e legitimidade, ainda que construídas sobre conceitos estereotipados e comprometidos com interesses capitalistas. (2001 p.19)

Segundo BRANDÃO (1980 apud JERONIMO, 1998, p.4), a Educação Física escolar é:

Muito importante, pois educa pelo movimento o indivíduo por completo. Por isso a Ed. Física não educa o físico, educa o movimento que o corpo realiza. [...] Através da Ed. Física escolar o indivíduo poderá se tornar capaz de pensar, sentir e realizar os movimentos. Poderá ser capaz de criar meios para satisfazer-se de maneiras prazerosas em seus momentos de lazer. Por isso também a Educação Física é educação.

COSTA afirma que (1983 apud JERÔNIMO, 1998, p. 4) “a Educação Física praticada nas escolas de 1º grau assume a formação integral do homem, ajuda-o a conhecer-se, dominar-se e relacionar-se com os outros e com o mundo e buscar, a sua autonomia”.

Em grande parte da nossa sociedade a Educação Física escolar é vista como “uma disciplina responsável apenas pela prática de treinamento desportivo e pela prática recreativa e/ou de lazer” (BARBOSA, 2001 p. 17), não demonstrando interesse pela real finalidade e importância da disciplina, tratando-a apenas como aula de recreação. Na maioria dos casos, os próprios pais não dão a devida importância a esta disciplina, ignorando ou mesmo desconhecendo o seu verdadeiro propósito e conteúdo aplicado. Que professor de Educação Física nunca escutou de colegas de trabalho (outros professores e funcionários da mesma unidade de trabalho) a seguinte colocação: “Agora vocês vão para a aula de recreação?”. Ou até mesmo, “a (o) tia (o) de recreação chegou”. Geralmente, isso acontece com os profissionais da Ed. Infantil ou aqueles que não têm conhecimento sobre a disciplina. São poucos os professores de outras áreas que reconhecem de fato a importância da Educação Física. Em alguns casos, acham que é importante apenas para tirá-los (alunos) de sala por algum tempo

para que o (a) professor (a) possa descansar. Sendo assim, consideramos que “a educação física escolar está na formação das crianças, principalmente enfatizando o quanto pode ser importante a motricidade para o desenvolvimento da inteligência, dos sentimentos e das relações sociais” (FREIRE, 1992 p.15).

A Ed. Física na escola é caracterizada por muitos (sociedade e integrantes da própria instituição de ensino) como um momento de brincadeiras jogadas e sem sentido, ou como um treinamento desportivo em que as relações entre professores e alunos passam a ser vista como “professor-treinador e aluno-atleta” (MATTOS e NEIRA, 2000 p. 10). Tal fato contribui para “colocar os alunos como ‘máquinas de rendimento’, as quais têm por fim atingir a capacidade de obtenção dos melhores resultados nas competições interescolares” (COSTA, 2003). Na década de 70 e 80 era pertinente esse tipo de Ed. Física, porém ao longo dos anos foi evoluindo e se modificando por meio de pesquisas e estudos, dando finalmente o devido reconhecimento aos educadores como profissionais da área, apesar de haver ainda pessoas que ignoraram essa conquista.

Observando os PCNs de 1997, foi comprovado que a prática da Educação física na escola poderá favorecer a autonomia dos alunos para monitorar as próprias atividades, regulando o esforço, traçando metas, conhecendo as potencialidades e limitações, sabendo distinguir situações de trabalho corporal que podem ser prejudiciais a sua saúde. Por esse motivo, a disciplina deve estar integrada em todos os planos da educação, no PPP (Projeto Político Pedagógico), nos planejamentos de secretarias de educação e em todas as outras áreas que tenha por finalidade o ensino. No atual momento, a escola possui a tarefa de desenvolver no aluno habilidades para que ele se integre e viva na sociedade. ETCHEPARE; PEREIRA; ZINN, (2003 apud GARCIA e COICEIRO, 2010, p. 1) afirmam que:

Nesse caso, a Educação Física Escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental deve ensinar a importância do movimento humano, suas causas e objetivos, e criar condições para que o aluno vivencie esse movimento de diferentes formas para que possa usá-lo no seu cotidiano, dentro e fora da escola.

No Fórum mundial que aconteceu em Berlim (1999), foi falado e verificado que a Educação Física necessita de “Professores bem formados e qualificados nas escolas e nos estabelecimentos de ensino”; horários fixos no programa escolar para

todas as crianças e adolescente; Equipes e espaços suficientes; que se dê apoio aos professores e as escolas para que se possa ter uma educação física de qualidade; Aceitação dos demais profissionais das escolas. A adoção dessas medidas é fundamental para que os conteúdos de ensino de Educação Física Escolar sejam trabalhados juntos aos discentes de forma mais eficaz e construtiva.

1.2 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E A LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO (9394/96)

A LDB apresenta em seu artigo nº 26 § 3º a inclusão da Ed. Física como componente curricular obrigatório da educação básica. “A Educação Física integrada à proposta pedagógica da escola é componente curricular da educação básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos” (BRASIL, MEC, Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999, p. 45).

No entanto, apesar da lei (sancionada em 1996), a realidade da Ed. Física no nosso país é outra. Na educação infantil é frequente se ver escolas (privadas ou públicas) que não oferecem a Ed. Física aos alunos. Algumas instituições, em sua grade curricular, aderem a disciplina ao 1º ciclo do ensino Fundamental (1º ano ao 5º ano), porém isso ocorre frequentemente apenas no 2º e 3º ciclo (Fundamental e Ensino Médio). A afirmativa acima não se dá principalmente em escolas da rede pública, mas também em instituições privadas, sendo ambas responsáveis pelo processo de desenvolvimento dos alunos mediante a disciplina de Ed. Física. Isso ocorre pela má interpretação ou não conhecimento da Lei de Diretrizes e Base.

1.3 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA ED. INFANTIL E NO 1º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL, QUEM DEVE APLICAR?

Segundo o CONFEF (Conselho Federal de Ed. Física), em seu 2º capítulo art. 9º, o profissional de Ed. Física:

É especialista em atividades físicas nas suas diversas manifestações-ginásticas exercícios físicos (...) lazer, recreação (...) sendo de sua competência prestar serviços que favoreçam o desenvolvimento da educação e da saúde (...).

A Educação Física, seja ela na escola ou em qualquer outro local, é obrigatória ser aplicada por um profissional devidamente graduado em Ed. Física. Porém, se analisarmos, não é o que acontece na educação infantil nem no 1º ciclo do ensino fundamental. A missão de introduzir as “brincadeiras” acaba ficando para o professor (a) regente da classe. O PCN da Educação Física aborda que o aluno deverá ser capaz de enfrentar desafios corporais em jogos e brincadeiras, respeitando as regras; interagir com os colegas sem discriminar por razões físicas, socioculturais ou de gênero; enfrentar situações de competição respeitando regras; estabelecer relações entre a prática de exercícios e a saúde; valorizar e vivenciar manifestações da cultural corporal de maneira receptiva. Segundo a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação brasileira (LDB 9394/96), a Educação Física deve estar presente em todo o Ensino Básico, sendo componente curricular obrigatório da Educação Infantil ao Ensino Médio (LDB, art. 26, § 3º).

No que diz respeito a formação do profissional exigida para lecionar na educação básica, a LDB afirma que o nível superior é a formação mínima para profissionais de Ed. Física. Sendo assim, quem deve ministrar as aulas de educação física? Na LDB é possível encontrar de forma explícita a obrigatoriedade da educação física em toda a Educação Básica, ou seja, da educação infantil até o ensino médio. Mas não especifica qual profissional é responsável pela aplicação da matéria. Já na Educação Infantil e no 1º ciclo do ensino Fundamental, é costume que haja apenas um professor para as disciplinas e não um professor específico para cada área de ensino. Mas será que esses professores estão realmente preparados para ministrar as aulas de Ed. Física? O teórico Deive (2013) questiona a problemática que gira em torno do profissional da área de Ed. Física analisando o seguinte pensamento: “como um profissional de educação, sem formação superior em EF, terá condições de desenvolver um trabalho com os seus alunos, com fins de atingir sequer uma pequena parte destes aspectos propostos pelo PCN de EF?”. De acordo com o questionamento de Deive, a disciplina de Educação Física começa a ser valorizada a partir do momento em que o profissional - formado - possa ser inserido em seu ambiente de trabalho.

Há algum tempo, era comum que os cursos de graduação em pedagogia não tivessem tanta preocupação com o ensino da Ed. Física. Hoje em dia, isso vem

mudando, sendo clara a atual preocupação em dar base aos futuros pedagogos, no que se refere a Ed. Física. No entanto, essa base diz respeito à orientação e não a aplicação real da disciplina. Para Sayão (2002), falta ao educador à vivência de experiências corporais lúdicas por meio da brincadeira e dos jogos, para completar a sua ação pedagógica com as crianças.

Quando se fala sobre os cursos de Formação de professores (Ensino Médio), Ayoub explica que “temas relacionados à área da educação física raramente são estudados nos cursos de formação de professores, ou quando são, acabam sendo abordados equivocadamente de forma reducionista” (2005, p.144). Os desafios postos à formação de professores têm sido fervorosamente debatidos e estudados. O esforço coletivo dos professores de educação em assumir o compromisso de promover as mudanças em prol da melhoria do ensino, particularmente daquelas vinculadas a experiência do docente, está cada vez mais presente na realidade dos professores de Ed. Física, mesmo sabendo que o curso normal do ensino médio e o normal superior são frágeis, e na maioria das vezes não instrumentaliza os futuros professores a atuarem com a Ed. Física no primeiro segmento de ensino (Freire, 1992).

Na maioria das vezes, as aulas dos cursos de Ed. física reproduzem aulas tradicionais, em que diversos conteúdos são apresentados de forma rápida e repetitiva como, por exemplo, o assunto sobre aspecto motor, o esporte como conteúdo central, a execução de fundamentos esportivos; o desempenho técnico e o ensino de regras são os objetivos finais, balizando critérios de avaliação (Barbosa, 1999).

O profissional de Ed. Física tem que estar atento às fases do desenvolvimento motor, para criar aulas cada vez mais atraentes e assim conseguir êxito nos objetivos propostos. Sendo assim, se o profissional de Ed. Física estuda, se capacita para tal, por que deixar que outros profissionais assumam suas aulas? Existem dois Conselhos nos quais apresentam em seu estatuto que as atividades físicas devem ser ministradas por profissionais graduados na área, sendo eles o CONFEF (Conselho Federal de Educação Física), e o CREF's (Conselho Regional de Educação Física). É considerado exercício ilegal da profissão, aulas ministradas por não profissionais da área. Deixa claro em seu capítulo II, 8º artigo, as atribuições do profissional de Ed. Física:

Compete exclusivamente ao profissional de Ed. Física, coordenar, planejar, programar, prescrever, supervisionar, dinamizar, dirigir, organizar, orientar, ensinar, conduzir, treinar administrar, implantar, programar, ministrar, analisar, avaliar e executar trabalhos, programas, planos e projetos, bem como, prestar serviços de auditoria, consultoria e assessoria realizar treinamentos especializados, participar de equipes multidisciplinares e interdisciplinares e elaborar informes técnicos, científicos e pedagógicos, todos nas áreas de atividades físicas, desportivas e similares.

O Conselho Federal de Educação Física (CONFEF) define a atividade física sendo “todo movimento corporal voluntário humano, que resulta num gasto energético acima dos níveis de repouso, caracterizado pela atividade do cotidiano e pelos exercícios físicos”.

Tabela 1 - Indicação da faixa etária da fase motora do educando entre 2 a 7 anos - 2019

FASE MOTORA FUNDAMENTAL
De 2 a 3 anos (estágio inicial)
De 4 a 5 anos (estágio elementar)
De 6 a 7 anos (estágio maduro)

Tabela 2 - Indicação da faixa etária da fase motora do educando entre 7 a 14 anos - 2019

FASE MOTORA ESPECIALIZADA (UTILIZAÇÃO PERMANENTE NA VIDA DIÁRIA, RECREATIVA E COMPETITIVA)
De 7 a 10 anos (estágio transitório)
De 11 a 13 anos (estágio de aplicação)
14 anos e acima (estágio de utilização permanente)

Fonte: colocar a fonte das informações da tabela aqui.

Para cada faixa etária, acima mencionada, tem uma fase própria e importante no desenvolvimento, por isso cada uma delas deve ser respeitada. É dever do professor conhecer cada uma dessas fases e respeitar suas individualidades e o tempo de cada criança. Neste aspecto, o professor de Ed. Física é o que melhor se encaixa nessa afirmativa, já que é o mais preparado dos professores no que diz respeito a psicomotricidade. As crianças da educação infantil e do ensino fundamental estão em fase de formação, de busca de conteúdos, são nessas fases que os alunos se preparam para o mundo externo, para a alfabetização, para o desenvolvimento

motor e para o aprendizado em geral. É por esse motivo a importância das aulas de Ed. Física nos anos iniciais.

Um dos assuntos mais pertinentes em relação a Ed. Física está relacionado ao brincar no que diz respeito a essa disciplina e a diferenciação do brincar quando se está em casa, a distinção se dá por meio de movimentos ensinado e instruídos, como por exemplo, a movimentação do corpo. Na escola, o aluno está sendo disciplinado, monitorado pelo professor durante as atividades. O brincar, que acontece com frequência nas aulas de Ed. Física, é de suma importância para o aprendizado dos conteúdos escolares, sendo contrário à forma somente falada da educação. Além disso, o brincar é de vital importância para o desenvolvimento do ser humano, é tão importante para o desenvolvimento do organismo quanto o alimento, os exercícios, o repouso. O simples ato de brincar faz com que a criança não apenas imite o cotidiano, mas também o transforme. Por meio das brincadeiras, se imita, se imagina, vivencia, se cria, representa e se comunica. Para VALLE, (2010, p. 26) citando Vygotsky, diz que:

Ao brincar, a criança interpreta as ações dos adultos, projetando-se no mundo deles, assumindo um comportamento e desempenhando papéis que nem sempre são infantis. O autor também destaca que, ao brincar, a criança altera a dinâmica da vida real, pois não reproduz o jogo da mesma forma em que a situação foi vivenciada. Segundo o autor, o “jogo da criança não é uma recordação simples do vivido, mas sim a transformação criadora das impressões para a formação de uma nova realidade que responda às exigências e inclinações da própria criança” (VYGOTSKY, 1998, p. 12 em: **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.).

Segundo Canabarro (2011):

O brincar permite que cada um seja autor de seus papéis, escolhendo-os, elaborando-os e agindo de acordo com suas fantasias e conhecimentos, podendo inclusive solucionar problemas que possam aparecer. Está é uma ocasião de internalizar e elaborar sentimentos e emoções desenvolvendo o senso de justiça e moral como diz Piaget.

A Ed. Física torna-se a aula que oferece a ludicidade na escola. É nela que a criança cria, recria, pula, imagina, se diverte, corre, desenha, pinta e estimula-se. Quando estão brincando, a criança não tem medo de errar processando seus conhecimentos. Brincar utilizando a música, as danças, as cantigas de rodas, poemas, lendas, histórias, amplia o pensar sobre o mundo. Segundo MICHAELIS (2011), o lúdico quer dizer o que se refere a jogos e brincadeiras. O termo lúdico tem origem do latim “ludus” e significa jogo. É este termo que melhor abrange e define as atividades

desenvolvidas nas aulas de Ed. Física. Ajuda a formar os futuros cidadãos. Observando as brincadeiras das crianças, Vygotsky já concluía que elas criavam suas situações imaginárias em que sempre existiam regras. Para Piaget (1978), portanto, ao brincar, a criança utiliza suas estruturas cognitivas e coloca em prática ações que estimulam sua aquisição de conhecimentos. Segundo KICHIMOTO (1993, p. 110):

A Educação Física é responsável também pelo desenvolvimento motor. A atividade física também combate diversas doenças ligadas ao sedentarismo, como a diabetes, a obesidade e doenças cardíacas; promove também o fortalecimento de músculos e articulações, entre vários outros benefícios. Gallahue, afirma (2005) que “o desenvolvimento motor é parte de todo o comportamento humano. O desenvolvimento cognitivo, o desenvolvimento afetivo e o desenvolvimento motor, estão relacionados”. O objetivo da Educação Física escolar de acordo com Barros, (1972 apud Costa 2003, p. 16) é “desenvolver espontaneidade em diversas situações e o desenvolvimento orgânico e funcional, atribuídos a Ed. Física, melhoram os fatores de coordenação e execução dos movimentos”. O ideal seriam aulas de Ed. Física três vezes por semana, trinta minutos por dia, para descaracterizar a “inatividade” dos alunos, deixando-os na faixa etária dos considerados “ativos” e não sedentários. Já que muitos dos alunos só praticam exercícios na escola, devido a vários fatores entre eles a “era digital” (computadores, vídeo games, tabletes, celulares, etc.)

CAPÍTULO II

2 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO MUNDO

A Educação Física tem origem desde os tempos remotos com o processo de desenvolvimento do homem primitivo, que precisava adquirir capacidades corporais

com o objetivo de ganhar seus desafios, pois durante a pré-história a busca por sobrevivência era constante. Só que esse desenvolvimento corporal acontecia de maneira inconsciente, mas é neste período que podemos constatar os primeiros registros da força física humana sendo exercida.

O corpo humano adquiriu uma anatomia que nada mais é do que o resultado evolutivo de um treinamento realizado por nossos ancestrais que necessitavam correr, nadar, levantar, pular, entre outros exercícios para a sua sobrevivência. Estes princípios foram aperfeiçoados com base nas necessidades de ataque e defesa, mostrando que neste processo evolutivo a agilidade, destreza e a força eram qualidades que os tornavam privilegiados com relação a outros animais. O nosso polegar, por exemplo, possui este desenvolvimento para nos dar possibilidade para arremessamento.

Historiadores desvendaram que no Oriente, os humanos logo começam a se tornar mais civilizados devido aos exercícios que tinham um sentido moral preparatório para a vida. Na Índia, a atividade física estava completamente unida com o ensino e a religião daquela sociedade. Algumas práticas na China, conferiam a guerra de forma a aprimorar as qualidades físicas e motoras dos guerreiros.

O berço dos esportes está ligado diretamente à sociedade grega antiga. Por esse motivo, na Grécia, a atividade física era muito importante e estava vinculada a intelectualidade e a espiritualidade em forma de mitologia. O corpo bem definido possuía bons olhares, tais como vitalidade, destreza, saúde e é claro, força. Foi nesta época em que os próprios gregos criaram os Jogos Olímpicos para homenagearem seus deuses com a prática de competições.

A Ed. Física no Brasil teve origem graças à miscigenação cultural, desde os índios que aqui já habitavam até os imigrantes que acrescentaram inúmeras fontes para que a atividade física fosse aprimorada de acordo com as necessidades de seu tempo. A disciplina de Educação Física teve origem por volta da metade do século XIX, sendo este o período do Brasil Império, em que existiam leis que incluíam a ginástica na grade de ensino dos estudantes. Porém, apenas na década de 1990 que a atividade física obtém um status mais amplo na sociedade, até se tornar o que conhecemos atualmente.

No século XX, a Educação Física escolar no Brasil sofreu influências de correntes filosóficas, tendências políticas, científicas e pedagógicas. Até a década de 50, essa área do conhecimento corporal foi influenciada pela medicina (higienismo),

pelos militares e acompanhou mudanças no próprio pensamento pedagógico. Nesse mesmo período histórico, eram importados modelos de práticas corporais, como os sistemas ginásticos alemão e sueco e o método francês. Os conteúdos de Ed. Física eram repetições mecânicas de gestos e movimentos.

Na década de 60, com a introdução do Método Desportivo Generalizado, começou a haver uma certa confusão entre educação física e esporte. Nessa mesma época, as concepções teóricas e a prática real nas escolas se distanciaram. Ou seja, os processos de ensino e aprendizagem nem sempre acompanharam as mudanças do pensamento pedagógico. Durante a década de 70, a Seleção Brasileira de Futebol conquistava o Tricampeonato Mundial de Futebol, e o regime autoritário utilizou o esporte como propaganda. O governo militar investiu na Educação Física com o objetivo de formar um exército composto por jovens saudáveis e fortes. Para isso, foi criado o chamado “modelo piramidal”, de que a educação física escolar seria a base. A escola seria o “celeiro de novos talentos”. A maior meta desse modelo era projetar cada vez mais a imagem do país por meio do desempenho dos seus atletas. Por isso, as aulas de Educação Física da época começaram a contemplar o aluno mais habilidoso em detrimento dos demais. Como o Brasil não se tornou uma potência olímpica conforme se pretendia, esse modelo faliu.

Já na década de 80, ocorreram profundas mudanças. A Ed. Física escolar, que estava voltada mais para os alunos de 5ª a 8ª série, começou a ser direcionada para a pré-escola e para os alunos de 1ª a 4ª série. O objetivo agora era o desenvolvimento psicomotor do aluno. Atualmente, os Parâmetros Curriculares Nacionais nos apresentam quatro grandes tendências pedagógicas, sendo elas:

– PSICOMOTORA: nessa tendência, a educação física está envolvida com o desenvolvimento da criança, com os processos cognitivos, afetivos e psicomotores, buscando garantir a formação integral do aluno. O conteúdo predominantemente esportivo é substituído por um conjunto de meios para a reabilitação, readaptação e integração que valoriza a aquisição do esquema motor, da lateralidade e da coordenação viso-motora. A principal vantagem dessa abordagem é a maior integração com a proposta pedagógica da educação física. Porém, abandona completamente os conteúdos específicos dessa disciplina, como se o esporte, a dança e a ginástica fossem inapropriados para os alunos.

– CONSTRUTIVISTA: a intenção dessa tendência é a construção do conhecimento a partir das interações da pessoa com o mundo. Para cada criança a

construção do conhecimento exige uma elaboração, uma ação sobre o mundo. A proposta teve o mérito de considerar o conhecimento que a criança já possui e alertar o professor sobre a participação dos alunos na solução dos problemas.

– CRÍTICA: passou a questionar as atitudes alienantes da educação física na escola, sugerindo que os conteúdos selecionados para a aula deveriam propiciar uma melhor leitura da realidade pelos alunos e possibilitar, assim, sua inserção transformadora nessa realidade.

– DESENVOLVIMENTISTA: busca nos processos de aprendizagem e desenvolvimento uma fundamentação para a educação física escolar. Grande parte do modelo dessa abordagem relaciona-se com o conceito de habilidade motora, pois é por meio dela que as pessoas se adaptam aos problemas do cotidiano. Para essa abordagem, a educação física deve proporcionar ao aluno condições para que seu comportamento motor seja desenvolvido pela interação entre o aumento da variação e a complexidade dos movimentos.

Essas quatro abordagens se desdobram em novas propostas pedagógicas. Nesse contexto, surge uma nova ordem nas propostas da atual Lei de Diretrizes e Bases, orientando para que a educação física se integre na proposta pedagógica da escola. Essa nova ordem dá autonomia para se construir uma nova proposta, passando para a escola e para o professor a responsabilidade da adaptação da ação educativa escolar.

2.1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

Foi possível constatar que as contradições e desafios teórico-metodológicos do esporte na escola, tendo a atual realidade da Educação Física no Brasil, requerem um estudo mais detalhado devido a necessidade de transformações dessa prática educativa, iniciando na escola para a formação humana. Sendo assim, após uma análise crítica do esporte praticado pela sociedade, tendo como o modelo de aprendizagem que se pauta em esporte de alto rendimento, principalmente nas escolas públicas e privadas, reconhece por meio dos dados coletados nos estudos, que os conteúdos sejam tratados numa abordagem crítico-emancipatória do esporte, possibilitando uma problematização, tematização dos elementos da ludicidade e construção do conhecimento, para que se possa desenvolver uma análise dos

elementos abordados em sala de aula e que sejam refletidos na sociedade de quem pratica e reproduz o esporte.

O estudo foi baseado a partir do Sistema Educacional Brasileiro. Saviani (1987 apud HOFFMAN 2008 p, 2-5) traz quatro concepções para organização da escola no Brasil: “a concepção Humanista Tradicional”, que tem como conceito de educação uma visão já estabelecida, sendo a escola como centro de organização e tendo o professor como o transmissor do conhecimento e o aluno reprodutor, aquele que cumpre com as obrigações estabelecidas pela escola.

Na concepção moderna, o autor trata e difere o tradicional no instante quando “afirma que a existência do Homem precede a sua essência, resultando daí um conceito de Homem: Um ser completo desde o seu nascimento até a morte, ” conceituando a escola como centro educativo. Saviani (1987 apud HOFFMAN, 2008, p. 2-5) afirma que a concepção Analítica conceitua a educação “como aquela que confere significado lógico à linguagem em função do contexto”. Essa concepção parte do interesse do educador em ensinar os conteúdos independentemente do local, condições físicas do espaço, tempo etc.

Já a concepção Dialética, “defende que à educação cabe explicitar os problemas educacionais compreendidos no contexto histórico”. Diferente da concepção humanista moderna, que se assegura nos aspectos da realidade, a dialética apresenta a realidade como um todo, num processo interativo e dinâmico, tendo como desafio para a educação construir um “novo” partindo do “antigo”. De acordo com o autor, a organização social atual tem requisitos e características como o fortalecimento da burguesia. Segundo Zonotti (1972 apud HOFFMAN, 2008 p. 5), essa perspectiva em relação a escola brasileira surge como forma de realização do ideário liberal se estruturando no sistema no século XX.

De acordo com Hoffman (2008, p. 6), “no século passado a escola tinha como perspectiva assegurar o direito à educação para todos, com qualidade e gratuidade”. Mas o grande problema, é que a classe dominante sabia que a população submissa à burguesia, ao se tornarem pessoas instruídas por meio da escola, passava a lutar pelos seus direitos, desenvolvendo uma determinada consciência e um teor crítico mediante os problemas existentes na sociedade, podendo-se tornar pessoas de

classe dominante com isso não era de interesse da classe burguesa tornar o povo informado.

Para Freitas (1986 apud HOFFMAN, 2008 p. 8), a Organização do Sistema Educacional Brasileiro é constituída em três períodos. O primeiro de 1500 a 1930, período no qual abrange a colônia o Império e a primeira república, em que prevaleceu a concepção tradicional da educação. Nesse período, foram os jesuítas que criaram a estrutura funcional da escola. O segundo período é o que vai de 1930 a 1960, que diz respeito ao momento da crise mundial no qual as relações de venda e compra no comércio se atrasaram, e com o fim da segunda guerra centralizando o poder para a classe burguesa, a concepção humanista moderna teve destaque provocando uma grande reformulação no Sistema Educacional. Em relação ao processo de ensino, Hoffman afirma (2008 p. 20-21):

[...]. Em 1942, a reforma camponema abrange um ensino secundário e o técnico – industrial, afirmando que daria resposta a essas questões. Para tanto modificou o ciclo de estudo: Quatro anos (ginásial) três anos (colegial). Este último seria oferecido em duas modalidades o científico e o clássico, ambos permitindo o ingresso em qualquer curso superior. No entanto, o que vai acontecer na prática, é que a ênfase dada às “letras”, no curso clássico, dirige seus egressos para as Faculdades de Filosofia, Letras e Direito e os científicos, voltados para as ciências, orienta seus concluintes para os cursos da área de saúde, biológicas e engenharias, e nenhum deles é “dirigido” às classes baixas da sociedade [...].

Para o autor, o terceiro período que vai de 1960 até os dias atuais, é provocado pela concepção Dialética, que tem como objetivo articular a educação e as relações sociais, período este que, após a década de 60, ocorreu a ditadura militar no Brasil, e a criação da atual LDB (Lei de Diretrizes e Bases). Gadotti afirma (2000, p. 129-167) que a atual situação do Sistema Educacional Brasileiro é decorrente do conjunto de fatores vindo desde o surgimento do Brasil. Diante disso, é importante ressaltar que as contas que Portugal deixou para o Brasil, trazendo consequências até os dias de hoje, é chamada hoje de dívida externa. Contudo, o Brasil não fica isento no tocante ao processo educacional, o país deixa de investir em educação, aumentando o percentual de analfabetos, à falta de recursos, de infraestrutura, a desvalorização do professor e outros problemas existentes na educação atual brasileira. Devido essa realidade, muitas escolas não desenvolvem o seu papel de educar para a transformação da realidade e do próprio contexto do aluno.

Com relação aos dados históricos que tratam da Organização do Sistema Educacional Brasileiro e da atual realidade da escola, torna-se cada dia um desafio para Educação Física Escolar ser transformada como prática pedagógica na escola. Isso ocorre devido aos grandes problemas educacionais existentes no sistema educacional brasileiro, e até mesmo a própria Educação Física que, no Brasil, sofreu influências Europeias desde o início do século XX.

De acordo com o coletivo de autores (1992, p. 49- 55), no Brasil, no início do século XX, os professores que lecionavam na escola, eram de formação restrita militar, e o esporte desenvolvido no ambiente educacional, era seguido de padrões do modelo capitalista. Partindo desse argumento, no trato do conhecimento no esporte da escola, este estudo foi desenvolvido com base na perspectiva emancipatória, conforme Kunz (2006 p. 17-22). Portanto, a principal característica visa possibilitar uma prática de forma crítica e transformadora para uma melhor compreensão da realidade, desafiando e superando teorias que tratam do esporte numa perspectiva de atender aos interesses do capital que objetiva o lucro.

Nessa visão automática, trazemos o seguinte objetivo geral: Identificar nos estudos produzidos no Brasil, os aspectos históricos da Educação Física e do Esporte da Escola, para as séries finais do fundamental, considerando a realidade, contradições e desafios teóricos e metodológicos. Por meio deste objetivo geral, levantamos as seguintes questões específicas para este estudo: discutir as perspectivas atuais do esporte escolar no âmbito da Educação Física, reconhecer as contradições teórico-metodológicos do esporte escolar no âmbito da Educação Física e sua realidade; diferenciar na produção do conhecimento desafios e possibilidades de ensino aprendizagem do esporte escolar para o fundamental.

O surgimento da Educação Física é marcado por várias tendências devido a suas amplitudes de conceitos pré-estabelecidos ao longo da sua história. Mediante essas questões, o esporte - por ser uma atividade caracterizada como cultura corporal desde o seu surgimento - foi inserido como um dos conteúdos da Educação Física, que conseqüentemente, passou a ganhar força no mundo atual, exercendo contribuições importantes para a sociedade que pratica e reproduz esse esporte com um olhar crítico. Neste capítulo, trata-se dos aspectos Históricos da Educação Física e do esporte, para podermos compreender um pouco de sua origem evolução, do que

é refletido nos dias atuais. A história da Educação Física encontra institucionalização no Brasil Imperial, em meados de 1822 a 1889, quando a Atividade Física ganhou espaço nas Leis e Decretos sobre Educação Física e Desportos, reforçadas pelos pareceres de um dos Patronos da Educação Física Brasileira, Rui Barbosa. Ele, já naquela época, chamava a atenção para os valores das atividades físicas.

CAPÍTULO III

3 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE AS PRÁTICAS CORPORAIS NO ÂMBITO ESCOLAR

Antes de esclarecer como a Ed. Física contribui para a Educação de forma geral, é necessário descortinar seu passado em busca de esclarecimentos que atendam suas características atuais. Vale ressaltar ainda que, a Educação Física Escolar, como ocorre com a Educação, sofreu e sofre influências de tendências e concepções variadas, as quais serviram aos interesses do Estado como instrumento ideológico do sistema econômico dominante. Castellani (1988, p.11) nos indica que a Educação Física, muitas vezes, “tem servido de poderoso instrumento ideológico e de manipulação para que as pessoas continuem alienadas e impotentes diante da necessidade de verdadeiras transformações no seio da sociedade”.

Sabemos identificar na própria ação corporal dos alunos, as influências sofridas ao longo do tempo. Saviani (1998, p.19) ratifica esse pensamento, ao definir essas influências como geradoras de tendências temporais, as quais se manifestam por meio das ações corporais enquanto resposta da realidade. Como a prática da Educação Física Escolar iniciou-se com o militarismo e o higienismo, estes desenvolvidos dentro uma pedagogia tradicional, atribuíam ampla relevância ao corpo vigoroso e saudável, com o objetivo de formar o indivíduo “forte” e apto para o trabalho e para as obrigações ao país. De acordo com esse fato histórico, os exercícios físicos atingiram o meio educacional de forma alienante. Tal controle das práticas corporais na escola, em nada se distinguia das práticas realizadas nos quartéis, em que simplesmente seguiam ordens. Diversas características que contribuem ainda mais para tal situação, estão relacionadas à utilização de métodos ginásticos, à medida que essa prática, por meio dos exercícios calistênicos, objetivavam apenas o desenvolvimento das qualidades físicas, sem considerar fatores que possam prejudicar a integridade física dos educandos, sendo que suas práticas não ofereciam um posicionamento significativo, até então sendo acríicas para as práticas corporais que realizavam.

Não se pode pensar na criança como apenas um ser biológico em formação. O movimento diante de tal concepção deixa de ser humano, pois “quando

se trabalha o corpo, faz isso de maneira fragmentada e não o percebe além de seus limites biológicos” (MEDINA, 1989, p. 78). Se torna necessário ter em mente que através do corpo da criança, a mesma desenvolve sua educação. Nele estão armazenadas suas características de vida, sendo o seu próprio corpo, a prova mais concreta e capaz de formar sua Educação corporal, atendendo as necessidades de sua realidade e vice-versa. Essa questão por sua vez, deve incrementar o trabalho educativo do professor de Educação Física Escolar, caso contrário, uma prática autoritária de comando, no qual o movimento corporal não contenha significado, de nada estará servindo para o processo educacional, ocorrendo com isso uma descorporalização que para Gonçalves (1994):

[...]. Significa, por um lado, que ao longo do processo de civilização, em uma evolução contínua da racionalização o homem foi tornando-se, progressivamente, o mais independente possível da comunicação empática do seu corpo com o mundo, reduzindo sua capacidade de percepção sensorial e aprendendo, simultaneamente, a controlar seus afetos, transformando a livre manifestação de seus sentimentos em expressões e gestos formalizados.

A sociedade em que vivemos traz historicamente a reprodução das ações de um sistema capitalista, o qual divide o corpo em produto e meio de produção. Ou seja, é analisando a prática corporal da criança que se atinge muito mais que um simples estudo sobre o movimento que a mesma realiza, mas obtém-se uma informação a qual retrata sua cultura e seu meio de vida. Essa sociedade capitalista elege cada vez mais o movimento perfeito e a técnica pela técnica. Nesta visão, como aponta Gonçalves, nas aulas de Educação Física, muitas vezes, esse objetivo errôneo de disciplinar o corpo, influencia a realização de movimentos mecânicos conduzindo-o à passividade e a submissão, desencorajando-o de suas ações corporais espontâneas, anulando com isso sua criatividade e seu pensamento enquanto manifestação de movimento.

3.1 O MOVIMENTO CORPORAL PARA O DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL

É possível notar que uma Educação Física Escolar que se diga esclarecida em seu trabalho, precisa ter em sua prática educativa sob um olhar de totalidade. Segundo Daolio (1995), o corpo por um lado é mecânico e por outro uma máquina perfeita. Portanto, ao passo que o corpo se torna capaz de ações apreendidas,

aumenta também progressivamente seu cumprimento de regras sociais. Essa questão, por sua vez, deve fomentar o trabalho educativo do professor de Educação Física Escolar para além da simples tarefa da ação motora, elevando sua prática para uma ação educadora.

Mediante essas questões, surge o olhar sobre o corpo da criança, sendo este movido por intenções provenientes da vontade, das intenções e ações que manifestam-se no corpo por meio dos movimentos, promovendo com isso seu crescimento tanto corporal quanto educacional. Dessa maneira, não se pode continuar difundindo para a área da Educação Física e principalmente para a área do ambiente escolar, que a criança deve ser tratada como mera reprodutora de ações, caso contrário, estaremos ocultando dos conteúdos a prática significativa que possuem, as quais necessitam de transformação, principalmente quando se tratam de pessoas atuantes em seu próprio mundo, que absorvem e reproduzem as ações que lhes são ensinadas por meio do corpo.

Segundo Piccolo, os movimentos do correr, do andar, do saltar, do girar e arremessar demonstram atitudes corporais singularizadas, sendo essas características muito comuns aos movimentos corporais das crianças. Com isso, Piccolo busca identificar dentre dessas ações corporais, os significados educativos, e a linguagem corporal manifestada dentro desta vivência local. Segundo ele, a criança que:

[...] brinca, pula, corre, chora ou emburra, muitas vezes visualiza seus movimentos sob a perspectiva da execução, e assim deixo de perceber o corpo-sujeito que comunica com o ambiente através de sua intencionalidade e ação. Esta situação começa a incomodar quando penso na criança movimentando-se e comunicando-se com o mundo por intermédio do corpo que é liberdade e espontaneidade nas ações.

Quando se é questionado sobre as ações corporais nas aulas de Educação Física, temos que procurar refletir sobre os aspectos significativos que este “corpo-criança” traz consigo. E pergunto-me que “comunicação” essas ações corporais transmitem enquanto “educação”, para “transformação” significativa do ser humano. De acordo com Gonçalves (1994, p. 14), é preciso que saibamos que o corpo:

[...] ao longo da história humana, o homem apresenta inúmeras variações na sua concepção e no tratamento de seu corpo, bem como nas formas de

comportar-se corporalmente, que revelam as relações do corpo com um determinado contexto social. (Desse modo, variam as técnicas corporais relativas ao movimento como andar, pular, correr, nadar etc. b) os movimentos corporais expressivos (posturas, gestos, expressões faciais) que são formas simbólicas de expressão não-verbal; c) a ética corporal, que abrange ideias e sentimentos sobre a aparência do próprio corpo (pudor, vergonha, ideias de beleza etc.); d) o controle de estruturas dos impulsos e das necessidades.

Os quatro aspectos mencionados evidenciam a relação corpórea fomentando situações diversas para indivíduos diversos. Na Educação Física, percebemos entre as manifestações corpóreas, que as mesmas devem conter em seu ato educativo uma percepção de corpo de forma ampla, em que se encontram contidas manifestações não somente de movimentos, mas principalmente de crescimento e de comportamento do aluno. Contudo, a ação educacional da Ed. Física Escolar depara-se com obstáculos que se limitam muitas vezes em ações corporais reprodutivas, pois “A escola é uma instituição social, e como tal, se encontra numa relação dialética com a sociedade em que se insere” (GONÇALVES, 1994 p. 32). Sendo assim, as práticas corporais educativas se constroem com a Educação Física Escolar.

O “Sistema de manipulação” por sua vez, perpassa a ideia de uma educação alienante, afetando diretamente o meio social da criança. Tais questionamentos desencadeiam uma desconstrução dos sentidos educativos da Educação Física Escolar, como afirma Foucault apud Gonçalves (1994 p.33):

[...] tendem a perpetuar a forma de internalização das relações do homem com o mundo, que consiste na supervalorização das operações cognitivas e no progressivo distanciamento da experiência sensorial direta [...] a escola, nos últimos 150 anos de processo civilizatório, pretende não somente disciplinar o corpo e, com ele, os sentimentos, as ideias e as lembranças a ele associados, mas também anulá-lo.

Sendo a escola uma instituição de ensino, se faz necessário possuir uma estreita relação em eleger as práticas corporais como meio de aprendizagem. Segundo Foucault apud Gonçalves (1994 p.33), “as escolas eram, então, como fábricas, que produziam disposições para ações racionais voluntárias, ao mesmo tempo em que procuravam eliminar dos corpos movimentos involuntários”. Essa rigorosa minúcia com que eram estipulados os regulamentos para o comportamento corporal dos alunos, para sua distribuição no espaço e para a divisão do tempo escolar, revela um poder disciplinar que objetivava controlar as erupções afetivas que

poderiam surgir no corpo com seus movimentos espontâneos e suas forças heterogêneas, perpetuando-se o controle e a manipulação. De acordo com Gonçalves (1994 p.36) a característica cultural própria de um corpo que está inserido no processo educacional, torna-se dominado pelos moldes reprodutivistas de educação, os quais se originam pelo poder de uma sociedade capitalista. Incluído no aspecto da educação formal, o domínio corporal tem suas manifestações marcantes, como afirma a excerto abaixo:

[...] tempo e do espaço são pré-determinados e fixados pelo professor, bem como as ações motoras a serem realizadas [...] distantes das experiências de movimentos livres que o aluno tem fora da escola [...] transformam as aulas de Educação Física, em normas motoras que devem ser cumpridas. Não permitindo que os alunos formem os seus próprios significados de movimentos, as aulas de Educação Física conduzem-nos à passividade e à submissão, desencorajando a criatividade.

Nas escolas, as atividades corporais realizadas como brincadeiras e jogos, evidenciam expressões espontâneas. Com isso, a atividade física surge como forma natural de movimentos, ajustando-se aos interesses do educando. Nessa perspectiva, predominam a reflexão e a crítica como forma de levar o aluno a ter consciência de sua responsabilidade pessoal na participação no processo educacional. Nessa linha de raciocínio, o tempo e espaço da aula são vivenciados com prazer, ou seja, presenciamos dessa forma o poder de concentração, atenção e organização, sem que existam determinações sobre o que é e como devem ser realizadas as tarefas. Assim, a criança vai adquirindo hábitos que determinam seus significados, por perceberem que suas ações vão muito além da simples participação de tarefas práticas, mas de uma construção de mundo onde expressam sua identidade corporal (Freire apud Ferreira, 1984 p.63).

Para Freire (1989), a criança brinca e cria suas atividades organizando seus movimentos corporais, porém, ao chegar à escola é impedida de manifestar sua corporeidade. Isso contraria os objetivos da Educação Física, que prezam pela manifestação corporal como meio educacional. A ideia de que a criança deve ser livre para expressar seus movimentos pode ser corroborada no seguinte trecho desse artigo:

[...] sabemos ser a criança dotada de um grande dinamismo, sendo o movimento inerente a sua própria vida. Movimentar-se é uma necessidade básica de todo o ser humano, e na criança esta necessidade apresenta-se de forma mais explícita, por ser esta não apenas dotada de movimento, mas ser o próprio movimento. (ARTIGO CRIANÇA, ESCOLA E LUDICIDADE).

As práticas corporais do cotidiano alicerçam as práticas pedagógicas nas aulas de Educação Física, à medida que as propostas dos professores despertam a criatividade, curiosidade, e o interesse pelo movimento corpóreo. Para que surja tal posicionamento de ensino, precisamos deixar para trás a discriminação e a rotulação que fazemos sobre as crianças quando estas realizam algum movimento que não condiz com o que é pedido nas aulas. Podemos entender que o movimento corporal no processo educacional, para possuir significado, requer que contenha um profundo relacionamento com a vida dos educandos. Sendo assim, a Educação Física não pode ignorar os questionamentos e as inquietações corporais dos alunos, impondo somente regras as ações que envolvem o seu corpo durante as atividades. Que o ensino da Educação Física não se resuma somente nas ações corporais, mas que por meio delas possamos despertar uma ação educativa que é necessária não pela reprodução de movimentos, mas principalmente porque possibilitam ações conscientes e reflexivas dos movimentos que realiza.

De acordo com o pensamento de Freire, “a conscientização não pode existir fora das ‘práxis’, ou melhor, sem a ação – reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens” (1980 p. 26). Quando essa visão é incorporada, fica explícito finalmente que o Ensino da Educação Física se trata de uma educação voltada ao ser humano e não a um simples treinamento que privilegia apenas o aspecto físico, sem considerar as implicações destas ações em todo o ser. Iniciando essas reflexões estaremos contribuindo com o processo construtivo da personalidade, pois o movimento manifesta intencionalidades operantes. Estando este correto ou incorreto, ambos exercem a espontaneidade servindo como aspecto principal para aprendizagem. Tal compreensão lógica interna e externa das práticas corporais deverá ser construída com os alunos, não sendo tratado o conhecimento do professor como o único e exclusivo de ensino. Sendo assim, o aluno poderá integrar a participação de vida no ensino dos conteúdos gerando, junto com o professor da disciplina, seu desenvolvimento educacional. Hoje se tornou inadmissível que o professor de Educação Física, e principalmente o de Educação Física Escolar, seja

somente um mero transmissor de movimentos, sem que os conteúdos sejam motivadores ou que despertem o prazer pela prática, a qual deve ser vivenciada significativamente.

Entendemos que o ensino da Educação Física Escolar é caracterizado por uma transmissão de conteúdos voltados ao corpo. Sendo assim, sua intencionalidade educacional parte de duas realidades bem distintas, que são: Uma Educação Física para o movimento e de outra por uma Educação Física pelo movimento. A Educação Física para o movimento é a utilização de atividades físicas, motoras e recreativas, com o objetivo de desenvolver a motricidade geral do educando. Visa o ensino e o aprimoramento das capacidades físicas (força, velocidade, etc.) e capacidades motoras de base (coordenação, lateralidade, noção espacial), bem como habilidades específicas, no que insere as técnicas de movimento. A educação centra-se no movimento.

Segundo Freire (1992), “a educação pelo movimento, é um instrumento do processo de aprendizagem que ajuda na transmissão de conteúdos ligados ao aspecto cognitivo. O movimento torna-se então, um meio de aquisição e desenvolvimento de conhecimento desde que os objetivos educacionais possam relacionar a psicomotricidade, a cognição, a afetividade e principalmente a corporeidade”. Para Le Boulch (1987), “o objetivo central da educação pelo movimento é contribuir ao desenvolvimento psicomotor da criança, de quem depende ao mesmo tempo também do desenvolvimento de sua personalidade para o sucesso escolar”.

Mattos afirma (1999) que a “educação pelo movimento visa conjugar os fenômenos motores, intelectuais e afetivos, garantindo ao homem melhores possibilidades na aquisição instrumental e cognitiva, bem como na formação de sua personalidade”. E é por meio do movimento que a Educação Física Escolar se integra com a construção educativa, pois ambos visam métodos e processos de ensino que objetivam o desenvolvimento global do indivíduo, gerando assim uma Educação pelo movimento.

CAPÍTULO IV

4 ORIGEM DA PSICOMOTRICIDADE

Quando se compreende as bases dos movimentos do corpo humano, nota-se a preocupação que já vem desde a Grécia Antiga, quando a educação privilegiava a beleza física e agilidade do ser humano. No entanto, o estudo do corpo humano era colocado em segundo plano, o que interessava eram apenas os aspectos descritivos em suas funções físicas e anatômicas.

Percebeu-se então que os estudos não poderiam ficar mais restritos às paredes dos consultórios médicos, visto que o grande foco do desenvolvimento motor e intelectual estava em instâncias que iam mais além: a escola. A Psicomotricidade surgiu pela necessidade de se perceber e entender os movimentos e como esses se processavam. Na França, em meados de 1960, já se tinha a preocupação com a preparação dos docentes para a prática da educação psicomotora nos anos iniciais de escolarização. A política educacional francesa era definida desde seu início, um espaço específico à prática da educação psicomotora, conforme relatos de Lê Boulch. No ano de 1969, para que a educação pelo movimento se consolidasse na escola primária, se instituiu na educação francesa o Terceiro Tempo Pedagógico (Portaria Ministerial e Circular de Aplicação), aumentando para cinco horas semanais as atividades destinadas à área de educação física.

[...] A educação psicomotora deve ser considerada como uma educação básica para a escola primária. Ela condiciona todas as aprendizagens pré-escolares e escolares; essas não podem ser conduzidas a bom termo se a criança não tiver conseguido tomar consciência do seu corpo, lateralizar-se, situar-se no espaço, dominar o tempo. (LE boulch, 1987, p.11)

Podemos observar que os primeiros estudos a respeito da psicomotricidade, tiveram ênfase ao funcionamento corporal, desenvolvendo aspectos como os tónus, a organização espacial, o esquema corporal, baseando-se em padrões existentes e esperados para cada etapa do desenvolvimento. Esses aspectos psicológicos, afetivos e emocionais eram abordados apenas quando a criança apresentava um maior comprometimento. Outra grande preocupação dessa época, foi quanto à aprendizagem da leitura e da escrita. Os estudos mostraram que a noção de espaço gráfico, por estar pautada no espaço e no tempo, requer no aprendiz a necessidade de já possuir no seu repertório alguns componentes psicomotores, sem os quais não alcançaria o sucesso no mundo letrado. Sendo assim, a psicomotricidade conquistou uma expressão significativa no universo da educação

escolar, pois os educadores bem como estudiosos do assunto já percebiam que, se uma criança tem deficiência que a impede de chegar ao cognitivo, é porque o ensino que recebeu não respeitou as etapas do seu desenvolvimento psicomotor.

Para LE BOUCH (2004, p 21), o desenvolvimento motor começa a ser observado desde o terceiro mês de vida fetal, quando o bebê mexe espontaneamente braços e pernas em formação, concordando que recém-nascido, esse desenvolvimento ocorre numa direção harmônica e por etapas previsíveis. A maturação da estrutura acarreta mudanças no comportamento, a partir da cabeça para as partes inferiores do corpo (cefalocaudal); e do centro para as extremidades do corpo (próximodistal); da geral ação maciça dos grandes sistemas do corpo para os sistemas específicos das partes menores do corpo. Os últimos movimentos a serem dominados são os dos dedos. Como acontece em todas as manifestações humanas, há diferenças individuais de velocidade, de forma, de força e precisão no desenvolvimento motor de uma criança para outra, mas é possível especificar certos movimentos característicos de determinada idade.

As definições de psicomotricidade são apresentadas na tentativa de buscar maior compreensão da necessidade do trabalho corporal, interagindo mente e corpo de modo a permitir que a criança perceba o seu corpo, domine os seus movimentos e melhore sua expressão corporal, paralelo a isso assegura o desenvolvimento intelectual considerando suas possibilidades. Contudo, a eficiência dos movimentos deve ser trabalhada a fim de melhorá-los e gastar menos energia em busca do movimento pela consciência. Percebe-se então que a psicomotricidade deve ser trabalhada desde os primórdios de nossa existência, Fonseca (1996, p. 142) afirma que:

[...] alfabetizar a linguagem do corpo e só então caminhar para as aprendizagens triviais que mais não são que investimentos perceptivo-motor ligados por coordenadas espaços-temporais e correlacionados por melodias rítmicas de integração e resposta.

Posteriormente a esses estudos, percebemos que as teorias psicogenéticas tiveram uma grande contribuição para ampliar a importância dos aspectos psicomotores, contemplando todas as crianças, pois a necessidade das práticas pedagógicas francesa do início do século XX, estava associada à luta contra

o fracasso escolar de educandos, os quais não apresentavam nenhuma patologia, e mesmo assim eram submetidas a processo de reeducação.

Depois de muitos anos de pesquisas, já nos tempos atuais, os estudos sobre psicomotricidade ultrapassam os processos motores, direcionando-se à estruturação espacial, à orientação temporal, à lateralidade e às dificuldades escolares em crianças com desenvolvimento psicomotor normal. Segundo Fonseca (1985, p.285), a motricidade e posteriormente, a psicomotricidade, representam a maturação do Sistema Nervoso Central. É compreensível que os problemas psicomotores, mais do que os motores, sejam evidenciados pelas crianças com dificuldade de aprendizagem. A psicomotricidade é definida como a relação entre o pensamento e a ação, englobando assim, funções neurofisiológicas e psíquicas, há uma combinação mútua entre a tonicidade e o equilíbrio para assegurar o controle postural, assim como a lateralização, a noção de corpo e a estrutura espaço-temporal se inter-relacionam para elaborar qualquer tipo de práxis. Então sendo, que qualquer disfunção num fator psicomotor produz mudanças em todo o Sistema. Por esses fatores é que devemos atribuir cuidados ao desenvolvimento psicomotor humano desde cedo, sendo assim indispensável sua estimulação.

Segundo o Site de Psicomotricidade, em 1982 a Sociedade Brasileira de Terapia Psicomotora, hoje chamada de Sociedade Brasileira de Psicomotricidade, sugeriu uma definição bastante abrangente do que vem a ser Psicomotricidade, afirmando que esta “é uma ciência que tem por objetivo o estudo do homem, através do seu corpo em movimento, nas relações com seu mundo interno e externo”. Ou seja, “Psicomotricidade é a área que se ocupa do corpo em movimento”. Mas não se deve esquecer que o corpo é um dos instrumentos mais poderoso que o sujeito tem para expressar conhecimentos, ideias, sentimentos e emoções. Ele é responsável por unir o indivíduo com o mundo que lhe dá as marcas necessárias para que se constitua como sujeito.

4.1 PSICOMOTRICIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

A criança, ao entrar na escola, já tem vivenciado suas experiências no mundo concreto, iniciará suas experiências cognitivas no mundo abstrato, simbólico. De acordo com LE BOULCH (2004, p. 58), é por meio da experiência que são

realizados os ajustes psicomotores. Os ajustes psicomotores referem-se à evolução e adequação dos esquemas que favorecem a percepção do próprio corpo e o controle mais eficiente dos movimentos. Sendo assim, a psicomotricidade age de forma terapêutica, trazendo por meio do corpo, questões emocionais, afetivas, psicológicas e psíquicas que se descortinam no trabalho psicomotor, refazendo conceitos e vivências que se tornam barreiras no desenvolvimento do indivíduo ou grupo.

Já em tempos remotos, o professor é visto como um direcionador do seu educando, assim não seria diferente na Escola cujo seu papel é de conduzir e estimular a aprendizagem. Hoje em dia sabemos da importância do papel pedagógico, educativo e social desde a Educação Infantil até a prática de esportes no Ensino Fundamental e Médio. No entanto, a tecnologia presente na vida da criança tem sido um fator de destaque no contexto atual. Com isso, as práticas relacionadas as brincadeiras, que é a fonte de descobertas, de aprendizagem, não só em relação consigo, mas em interação com o grupo, têm ficado cada vez mais distante dessas crianças no atual desenvolvimento tecnológico. Fonseca (1987, p. 21) descreve sua preocupação com este fato quando diz que:

[...] a ausência de espaço e a privação de movimento é uma verdadeira talidomida da atual sociedade, continuando na família (urbanização) e na escola. A não-aceitação da necessidade de movimento e da experiência corporal da criança põe em causa as atividades instrumentais que organizam o cérebro.

Nos dias atuais, podemos perceber que uma criança é capaz de passar horas sozinhas na frente do computador ou da televisão, mas não consegue brincar - na maioria das vezes - de outras atividades que não envolvam a tecnologia. Ou seja, a criança se mostra desajeitada ao tentar subir em uma árvore, porém irá ter uma habilidade fantástica ao manusear o controle do vídeo game. Essas atividades acabam sendo em grande parte, solitárias e sem estimulação motora. Isto é, a criança não corre mais, não percebe os movimentos que pode realizar, não domina seu próprio corpo, sentindo-se insegura em relação com o mundo. Toda essa falta de habilidade irá refletir no desenvolvimento emocional, cognitivo e social, diminuindo as possibilidades nas aquisições motoras que serão a base para muitas aprendizagens escolares.

Torna-se assim tão necessários fundamentos sólidos que sustentem uma prática educativa amplamente engajada no sentido da compreensão do homem e da adoção de uma pedagogia vinculada a atividades coerentes aos processos de desenvolvimento psicológico. Com isso, a Educação Psicomotora deve estar incluída em um projeto mais amplo de educação que considere o conhecimento em relação à vida, proporcionando tanto a descoberta do mundo exterior, das coisas, do mundo objetivo, quanto a descoberta do mundo interior, do autoconhecimento, da auto-organização.

A educação psicomotora e suas práticas estão se consolidando nos processos brasileiros de escolarização com um caráter preventivo, facilitando o desenvolvimento global dos indivíduos, sendo aplicada às crianças em situação escolar desde o ingresso na Educação Infantil, distanciando a visão clínica dessa ciência para uma visão educacional. Cabe aos educadores propiciar atividades diversificadas e criar ambientes educativos cada vez mais ricos e desafiadores. A brincadeira é um dos caminhos que vem privilegiando tal situação, no qual proporciona todo o desenvolvimento cognitivo, além de ser prazeroso, pois se descobre o mundo que a cerca e é a partir da exploração do seu próprio corpo e dos amigos que iniciam as construções dos conhecimentos e habilidades principais.

Já se pode notar a importância das atividades que contribuem com o desenvolvimento motor e intelectual das crianças, não cabendo mais nas escolas lugar para os impedimentos das brincadeiras, pois é por meio delas que os conhecimentos vêm aflorando cada vez mais consistente e consciente. O ideal é apresentar materiais que interessam e incentivam brincadeiras diversas e enriqueçam cada vez mais o processo ensino-aprendizagem. Toda atitude em sala de aula para a criança, relacionada ao corpo, deve ser estimulada, respeitando-se a individualidade de cada um como ser único, diferenciado e especial, permitindo a autonomia de tal forma que respeite as diferenças individuais e possibilite a esta criança alcançar a autonomia. São nessas ações que a criança vai descobrindo suas preferências e adquirindo a consciência dos esquemas corporais, e para que isso ocorra de fato é importante que ela vivencie experiências diversas no processo do seu desenvolvimento.

CAPÍTULO V

5 AS PRÁTICAS CORPORAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR DO ENSINO FUNDAMENTAL 1º E 2º CICLOS

Compreendemos que o ensino da Educação Física está relacionado à transmissão de significados ao corpo, que durante a realização das atividades, por sua vez, tem a capacidade de expressar qualquer movimento no dia a dia. Este é o primeiro e mais importante ponto de manifestação, pois equivale a sentidos próprios de vida e não simplesmente àqueles que são ordenados pela escola. Portanto, “um novo estilo de ciência e do fazer pedagógico está emergindo, pelas nossas mãos, pelos nossos corpos e pelas nossas mentes” (ALMEIDA, 2001, p. 25).

Ao mobilizar o educando, temos por em evidência a motivação, a conscientização, a criticidade e a criatividade por meio de suas atividades corporais, que para a Educação Física no Ensino Fundamental 1º e 2º (ciclos), permite aos educandos a agitação, não de aptidões específicas, mas contribui para o desenvolvimento da personalidade, ajudando em sua educação de maneira íntegra e crítica, oportunizando assim que sejam pessoas capazes de usufruir da Ed. Física, observá-la e compreendê-la em toda a sua amplitude, adquirindo uma consciência no meio em que está inserido. As práticas corporais nas aulas de Educação Física necessitam de mudanças, pois na maioria das vezes vem permeada por práticas excludentes, fazendo-se limitada, vazia e sem significados, importando-se mais com incapacidades do que capacidades, sendo assim, Gonçalves diz que:

[...] essa realidade contribui para a não valorização da disciplina, enquanto área de conhecimento, que possui reais objetivos educativos, fundamentais para o desenvolvimento integral do indivíduo [...] (GONÇALVES 2002, p.03).

5.1 CORPO E EDUCAÇÃO FÍSICA

O trabalho pedagógico dos professores e professoras de Educação Física Escolar no primeiro e no segundo ciclos do Ensino Fundamental, requer ações pedagógicas que sejam possíveis de incluir significados e construção de novos saberes quanto a teorias e práticas realizadas durante as aulas, para que possa possibilitar ao educando a compreensão daquilo que está sendo feito, promovendo com isso a associação dos conhecimentos corporais anteriores com as ações que recebem. É possível que tomando como ação esta postura pedagógica, o aluno perceba e encontre sentido nas ações corporais que realiza dentro da escola. Não

basta simplesmente dizer o que deve ser feito nas aulas para que o educando reproduza como mencionado.

Segundo Libâneo (1985 p.39), “são realidades exteriores ao aluno que devem ser assimilados e não simplesmente reinventados, eles não são fechados e refratários às realidades sociais”. Ainda se referindo a Libâneo, “Os conteúdos de ensino emergem de conteúdos culturais universais, constituindo-se em domínio de conhecimento relativamente autônomos, incorporados pela humanidade e reavaliados, permanentemente, em face da realidade social”.

É preciso que saibamos observar e refletir quais valores estão sendo transmitidos dentro dessas ações educativas. Portanto, temos o dever de ser cautelosos, para não desprezarmos os saberes prévios trazidos pelos alunos à escola, estes são pertencentes a sua bagagem cultural, não tendo em mente, por hipótese alguma, domesticá-los à nossa maneira de ensinar, mas de educá-los a partir de sua visão de mundo. Dessa forma, significa propiciar uma construção de conhecimento pela realidade, trata-se de uma oportunidade de aproximarmos ainda mais as relações de alunos/professores, tornando assim o ensino da Educação Física Escolar mais fixo e interessante para os educandos. Ainda que pareça ser difícil e utópico é necessário transformar esse modelo pragmático que adotaram para a Educação Física Escolar, sendo apresentada como uma mera disciplina que dá suporte às demais quando se tratam de atividades corporais como danças, esporte, jogos, etc. Vale ressaltar que a disciplina vai muito além do que simples atividade recreativa e desportiva, essa área tem como principal função atender as fases de desenvolvimento da criança tanto físico quanto mental, ou seja, a Educação Física é uma disciplina que possui identidade por apresentar definições e conteúdos próprios de ensino, que estimulam o corpo a associar a teoria com a prática.

De acordo com Gadotti (2001), as relações de diálogos entre o ato de educar e a Educação Física Escolar condizem que só o movimento é absoluto, pois é constante em todo processo, assim ambos não trabalham isoladamente como uma cabeça que pensa e um corpo que se move. Sendo assim, seus conteúdos possuem relevância para estimular a criança a conhecer e criar seus conceitos e ações dentro de uma conjuntura a qual expressa corporalmente a vida em sua volta. No entanto, esse aspecto pouco se tem falado durante a realização prática das aulas de Educação

Física, o simples fazer por fazer uma atividade não condiz ao professor e ao educando se estes estão apreendendo o conteúdo, é necessário despertar a participação elevando a espontaneidade do educando, estimulando também à vontade de realizar cada vez mais com interesse suas práticas corporais. Enxergamos que a criança possui seu movimento inerente à sua própria maneira de viver. Para ela, o movimento é uma forma de aprendizagem única sendo construída de indivíduo para indivíduo.

O ensino dos conteúdos da Educação Física Escolar necessita respeitar suas capacidades de apreensão e assimilação para que sua aprendizagem possa favorecer o conhecimento em si, e não em atividades mecanicistas de movimento que fragmentam sua relação corporal com o conteúdo que é aplicado. Com isso, o processo de aprendizagem dos conteúdos da Educação Física no 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental, coexistem para ampliar sua construção corporal, sem que formem um corpo alheio ao mundo e a outros corpos, caso contrário, não havendo tal oportunidade, sua aprendizagem se tornará, segundo Gonçalves:

[...] uma aprendizagem sem corpo, e não somente pela exigência de o aluno ficar sem movimentar-se, mas, sobretudo pelas características dos conteúdos e métodos de ensino, que o colocam em um mundo diferente daquele no qual ele vive e pensa com seu corpo (1994 p. 34).

Os conteúdos têm que se relacionar de forma compatível com a realidade dos educandos, para que estes ensinamentos possam também ser realizados fora da escola, onde possam praticá-los, identificando suas potencialidades no fazer prático e conseqüentemente tornando cada vez mais independente o movimento que o aluno produz em sua maneira de viver. Existem as mais variadas formas de movimento que a criança pode realizar com os conteúdos da Educação Física, favorecendo em sua construção educativa, por ela tratar seu corpo como um organismo inteiro e não fragmentado. Para isso, o saber que é formado na criança deve ser um conhecimento de corpo e de ações ao corpo, em que os próprios movimentos possam ser vivenciados mais livremente, isso quer dizer que seu contato corporal mais espontâneo possa ser realizado sem amarras de regras ditas corretas ou incorretas, o qual é tratado sendo moldado à imagem e semelhança do adulto, ainda como se esse fosse um ser completo e acabado.

No momento em que se fala a respeito das manifestações corporais das crianças e dos conteúdos de ensino, não podemos deixar de lado sua ludicidade, em

que é possível descobrir sua criatividade e ao mesmo tempo seu prazer de movimentar-se livremente pelo mundo incorporando com isso suas ações, sentimentos e pensamentos os quais alimentam seu corpo possibilitando novas criações de movimentos. Assim sendo, acreditamos haver espaço para o um ensino lúdico na escola, o que quer dizer que sua manifestação traz consigo o desenvolvimento próprio, sendo assim necessário que reconheçamos a ludicidade como fonte impulsiva da corporeidade, que possibilite a construção de seu conhecimento. Essa atitude é uma mudança efetiva mesmo não sendo tão simples, pois “não basta os conteúdos criticamente selecionados e estrategicamente organizados, é necessário que professores e alunos se transformem, no cotidiano de suas práticas, em sujeitos do seu ensinar e do seu aprender do ato mesmo do ensino/aprendizagem”.

Levando em conta a perspectiva, a escolha dos conteúdos tem que expressar um caráter ideológico, pois além de englobarem o cotidiano e as questões sociais, dão ao professor uma visão mais global/universal, situando-o no “campo da esquerda” na construção da sociedade socialista. E tendo em vista as grandes desigualdades, sobretudo econômicas, que o capitalismo vem proporcionando, nota-se a busca de uma nova hegemonia (MARQUES, 1989 p.24). Sendo assim, não se pode analisar os conteúdos globalmente, pois segundo Marques “o tratamento que lhes é dado na prática educativa concreta:

[...] só passam a serem conteúdos de ensino no processo de ensino/aprendizagem, onde são observadas Metodologias e ideologias inerentes ao educador”. Além disso, há a questão do tempo dedicado a cada aula que também não auxilia no trabalho do conteúdo, pois se torna difícil fazer com que os alunos produzam raciocínios diferenciados a cada fração de “hora física”, à revelia de suas reais e humanas possibilidades. “Horários industrializados e opressivos, forjados na lógica capitalista, constituem-se em modos de expropriação dos tempos dos indivíduos” (BARCELOS, 1989 p. 40).

5.2 MEU CORPO, NOSSO CORPO

Antes da linguagem e da fala, é manifestada a linguagem corporal que inicia desde muito cedo na criança, esse tipo de comunicação se expressa pelo corpo nos movimentos ao qual realiza. Essas movimentações geram mudanças comportamentais que conforme o tempo tornam-se essenciais e fixam-se no corpo,

construindo e reconstruindo sentidos e significados visíveis, por nele estarem incluídas na sua imaginação e percepção de mundo, volta-se ao corpo enquanto informação dizendo o que, e como é realidade.

5.2.1 O SENTIMENTO CORPORAL

Todas as ações que o corpo produz enquanto resposta, não ficam somente nos movimentos, mas principalmente nos sentimentos que o corpo da criança transmite por meio das mais diversas ações. Dessa maneira, o sentimento age sobre o movimento corporal, podendo este ser considerado também como um tradutor de significados. Essa manifestação corporal evidencia-se através do sentimento, no qual constrói significados diversos para pessoas diversas, ainda que fossem vistas de forma contrária seriam verificadas outras respostas, outros sentidos e consequentemente outros significados.

É por intermédio do corpo que o sentimento perpassa, as emoções transferem-se ao ambiente externo transformando em significados e sentidos próprios, estes agem sobre a realidade conforme sua própria necessidade. Encontram-se inúmeras disciplinas em que podem ocorrer tais manifestações sentimentais, contudo, na Educação Física, essas manifestações são mais demasiadas por justamente possuírem uma ligação mais direta com o corpo, esse elemento único, variado, simples e complexo ao mesmo tempo. À medida que a criança amplia suas experiências corporais, suas experiências sentimentais, o controle de suas atitudes, seu comportamento, são os aspectos que norteiam sua corporeidade.

Dessa forma, o sentimento trata-se então de uma linguagem que, muitas vezes, é oculta no âmbito escolar, onde não se encontra com espaço para manifestações de suas próprias inquietações. Ainda que tratemos a respeito de um corpo que vive as ações fragmentárias de um ensino muitas vezes caracterizado somente como prático, vale observar sua importância na ação corporal manifestada enquanto conhecimento de seu próprio corpo, que revela sua relação com o meio social.

Para Aragão (2005), “é na relação com o meio, e pelo movimento intencional, que as estruturas psico-cognitivas fixam-se e liberam outras”. Ou seja,

para a aquisição da linguagem, implica a maturação do sistema nervoso, a integração num grupo social e a motivação afetiva. Em todo sistema é natural ser auto organizativo, a linguagem resultante de um amadurecimento sinestésico amplia, por sua vez, a consciência. Dessa forma, o movimento, conforme afirma Aragão (2005, p.32 - 33), produz “atitudes, gestos, posturas e expressões corporais na qual enunciam informações que não necessitam passar por outra linguagem que não a do movimento. ”Tais informações provêm do cotidiano, dos hábitos, das relações interpessoais estabelecidas no seio de um grupo social, compondo um sistema de signos que identificam a comunidade e que revelam culturas singulares de movimento. Essas manifestações corporais formam sentidos ao corpo e ao movimento que este corpo realiza em direção a uma consciência corporal, que segundo Aragão (2005, p.33) relata é:

[...] compreendida pela possibilidade do autoconhecimento, do conhecimento de si, do acesso a informações de diferentes realidades e compreensão do ser estar no mundo. É a consciência de si e do mundo, que está para além do domínio do corpo, ou da apreensão de conceitos e condutas motoras.

Podemos entender que o sentimento das crianças transmitido diante de suas movimentações, vem permeado de significados que, ainda confusos, merecem atenção, orientação e principalmente ações pedagógicas concretas favorecendo com isso sua autonomia.

5.3 CORPO E APRENDIZAGEM

O aprendizado acontece por meio do corpo de maneira recíproca, as ações e emoções o levam às manifestações de sentimentos e pensamentos, acionando assim seus movimentos. De certa maneira, é correto dizer que a aprendizagem ocorre por meio da ação corporal, não se trata somente em dizer que a questão motora é a única executora desta aprendizagem, mas é destacar principalmente que mediante essas ações, percebemos o desenvolvimento cognitivo das crianças como expressão significativa de aprendizagem. Significa que as respostas que outrora julgadas como insignificante, mostram-se como sendo de grande importância, provida do sentido cognitivo. Como o ser humano deve movimentar seu corpo é singular, ao mesmo tempo em que manifesta corporalmente suas necessidades, também incorporam outras, ou seja, percebemos que além de sua singularidade, o corpo encontra-se ligado a uma cultura de significados próprios.

De acordo com Gonçalves (1994), além do movimento em si, o indivíduo é movido por sentimentos, o que ele sente antecede ao pensamento, que por sua vez, esse antecede as ações de movimentos. Fazer com que o corpo expresse suas necessidades mais ocultas e fazê-lo presente e disposto a percepções as quais favorecem sua consciência de mundo, possibilita-o de agir sobre este mundo construindo com isso sua identidade própria de corpo enquanto unidade indissociável. Partindo dessa perspectiva de educação, o professor de Educação Física Escolar pode transformar a realidade de suas aulas para uma comunicação mais próxima com a realidade, que oportunize viver com mais significado às práticas corporais que aplica e desenvolve com seus educandos, possibilitando dessa forma que descubram o sentido de suas ações.

O ensino da Educação Física Escolar, enquanto ensino fundamental 1º e 2º ciclos, tem como características por uma ação pedagógica a qual constroem o conhecimento de seus movimentos pela oportunidade de expressão, imaginação e estimulação de pensamentos, e é bem sabido que em seu trato educativo, a mesma desenvolva-se dentro de uma postura comprometida com a cultura que o educando possui. Pode-se entender por um lado, que sua prática de ensino muitas vezes centra-se no movimento, mas por outro lado, esse movimento deve conter conhecimento, entender-se enquanto elemento de ação significativa de vida. Para descobrir quais são os sentidos educativos das práticas corporais praticadas no ensino fundamental 1º e 2º ciclos, é necessário expor situações as quais expressem a espontaneidade da criança em sua realização de movimento. Essa espontaneidade fala das diversas possibilidades de criação e recriação, e principalmente de utilização com o que é transmitido por ela, trata-se de uma aproximação de significados com o mundo que a rodeia e vice-versa. Piccolo (1993, p. 64) afirma que:

[...] na primeira infância, a atividade mental é mais rápida e é através da exploração de movimentos variados que se pode aperfeiçoar o sucesso da criança em tarefas intelectuais. É o autoconhecimento que vai levá-la a capacidades de lidar com os problemas e isso se consegue nas propostas motoras que fazem com que as crianças conheçam as suas potencialidades.

Em seu conceito mais amplo, cultura significa o indivíduo poder expressar suas ações em grupo, as quais são manifestadas por meio da história em que tempo e o espaço do indivíduo se encontram, pois quando falamos sobre tempo e espaço estamos nos referindo ao meio de vida que este possui, quais são os seus costumes,

trabalho e seu meio de sobrevivência, tais aspectos tratam de questões sociais que trazem em si a história desses sujeitos marcada em seu corpo.

Segundo Gallardo (1998, p. 87), “a riqueza do aprendizado propiciado pelas atividades motoras da cultura corporal não se esgota em sua realização pura e simples. É de fundamental importância que as crianças aprendam a refletir sobre sua vida prática, e não apenas vivenciá-la”. Na escola, por exemplo, essas questões devem ser trabalhadas e bem discutidas constantemente, já que a escola é um lugar de união cultural, esta deve crescer construindo conhecimento com as mais diversas raças, costumes, crenças e tradições. São esses os aspectos culturais relevantes no ensino da Educação Física no 1º e 2º ciclos e em todos os outros níveis de ensino, referem-se essencialmente a movimentos humanos, os quais são manifestados por meio das danças, jogos, brincadeiras e movimentos variados do dia-a-dia, que para os conteúdos da Educação Física podem ser tematizados e exercidos como ações de ensino, tais práticas corporais aqui denominadas como cultura de movimentos.

Nessa perspectiva, o envolvimento da cultura com o aprendizado da criança desenvolve-se “no reconhecimento de que a atividade do homem está vinculada à construção de significados que dão sentido à sua existência”, segundo Marcellino (1989, p.28). Afirmando com isso, Daolio (2005) refere-se ao movimento enquanto cultura de movimento, a qual se desenvolve não somente como tradução da história, mas principalmente de como esse corpo movimenta-se diante do contexto social.

Diante do exposto, os movimentos corporais das crianças em período escolar no ensino fundamental 1º e 2º ciclos, são representados essencialmente pelas manifestações corpóreas que trazem de sua própria vida. Em especial, durante as aulas de Educação Física seus interesses são vivenciados conforme a cultura que possuem, e aos poucos vão agregando as fases de crescimento a outros costumes e valores, novas posturas não surgem somente decorrentes de processos biológicos ou fisiológicos, mas principalmente por ações sociais.

O movimento humano torna-se como constituinte mais importante da cultura, tendo em vista que, as formas de execução de uma atividade devem permitir à criança desenvolver-se como agente de sua própria aprendizagem, assim o ensino

da Educação Física trata-se de um ensino natural e não de controle, por isso requer selecionar conteúdos de forma que atendam a cultura corporal desses educandos, visto que a assimilação dos mesmos está em sua realidade de movimentos. Ou seja, os objetivos de um trabalho na Educação Física Escolares do Ensino Fundamental 1º e 2º ciclos, não é somente aquilo que se vai aplicar ao aluno enquanto atividade, mas principalmente o que se espera dele enquanto aprendizagem (Negrine apud Mello; Bracht, 1992, p. 06). Tais conteúdos são interpretações retiradas da realidade dos indivíduos, com profunda ligação com seu significado histórico e social, que por meio da tematização da Cultura Corporal pode ser estabelecida uma associação entre o movimento humano e os aspectos histórico-sociais. Assim sendo, a Cultura Corporal é o conhecimento da Educação Física, este deve ser abordado de forma crítica e competente. Com isso, é possível afirmar que não basta só praticar atividades físicas, é necessário compreender como e por que essas práticas corporais apareceram e em qual contexto histórico foram criadas, quais as modificações que sofreram ao longo do tempo e como hoje são observadas na nossa cultura. (Ciclo Básico de Aprendizagem: Proposta Curricular: Educação Física. 1998, p.13)

Com base nos conteúdos de ensino da Educação Física Escolar, pode-se afirmar que esses tiveram uma ligação com as realidades sociais, ou seja, incorporar na cultura escolar as condições para a emancipação dos educandos e a transformação do projeto de sociedade acontecerá, pois “a educação escolar não pode ser pensada como algo neutro em relação ao mundo, mas como algo que produz na sua própria dinâmica, caminhos diferenciados para a ação social concreta em função de interesses e necessidades dos próprios educandos” (Rodrigues apud Barcelos, 1989 p.39). Porventura, se o ponto inicial, neste processo, fosse uma interação no ato educativo do saber sistematizado (acumulado pela humanidade) com o saber cotidiano (produzido pelas relações sociais), as “receitas de bolo” elevadas poderiam adquirir características críticas, contribuindo para a formação do cidadão consciente.

Seja na educação ou em quaisquer outras áreas da vida, as pessoas se encontram em um eterno aprendizado, o qual é moldado por meio do corpo. A questão está em saber interpretar se esse aprendizado faz-se sentir, agir, pensar e perceber com o corpo enquanto ferramenta de identidade, o que pode ser chamado de

corporeidade. É possível definir corporeidade como as relações humanas de qualquer ordem que geram situações reais de mundo, de indivíduo para indivíduo. De acordo com Santin (1987), a corporeidade é a vivência do corpo nas mais diversas dimensões, sejam elas física, espiritual, cultural, social, ideológica, política e econômica, em que o corpo se dá de maneira interna e externa ao mundo. Dessa forma, pensar em uma Educação Física que traga sentido educativo para as práticas corporais realizadas no Ensino Fundamental 1º e 2º ciclo, é pensar que estes aspectos estejam presentes na vida do educando, além de possibilitar essas vivências por meio dos conteúdos, tornando-os significativos. Assim, é de fundamental importância que a corporeidade seja manifestada pelas crianças, permitindo a elas interpretar por intermédio do corpo o mundo em sua volta, como um canal que constrói e reconstrói conhecimento. Enfim, a corporeidade é o conhecimento expresso em movimento, sendo assim a Educação Física no Ensino Fundamental 1º e 2º ciclo, se faz necessária para oportunizar ações corpóreas com mais significado.

Os corpos, sujeitos da corporeidade dentro da escola, contam e fazem a sua história de vida e a experiência do corpo, sendo expressada pela motricidade, que produz ações intencionais por meio de suas práticas corporais, de modo que a criança se faz corpo sujeito consciente de suas ações. Santin (1987), afirma a ideia do ser humano como corporeidade, ou seja, seus gestos e expressões falam por ele, à medida que o corpo com o tempo manifesta movimentos. O homem é movimento, o movimento que se torna gesto, o gesto que fala, que instaura a presença expressiva, comunicativa e criadora. Ou seja, a Ed. Física tem que ser o gesto que se faz e fala. É necessário dizer não ao exercício ou o movimento mecânico, vazio e ritualístico. O gesto falante é o movimento que não se repete, mas que se refaz e tem sempre o sabor e a dimensão de ser inventado ou feito pela primeira vez. Essa repetição criativa não cansa, não esgota o gesto, pois não é repetição, mas criação. Assim, o gesto sempre será um movimento novo, diferente e original. Dessa forma, o movimento que a criança produz com o corpo é conhecimento, pois se relaciona com o mundo, seja este movimento de forma direta ou indireta, própria ou não. Isso para o ensino da Educação Física Escolar no 1º e 2º ciclo é de fundamental importância, pois se torna aprendizado.

Segundo Nóbrega (2005), a corporeidade do corpo é muito mais do que um ser biológico. Ela é o conhecimento movido pelo corpo enquanto consciência crítica de suas ações, produzindo conhecimento. Assim, quando se fala sobre este corpo criança, não está relacionado à anatomia e/ou organismos em crescimento (aspectos físicos em desenvolvimento), mas em suas relações de mundo, as quais desenvolvem suas potencialidades com os demais indivíduos. Oliver afirma que a “corporeidade implica, portanto, na inserção de um corpo humano em um mundo significativo, na relação dialética do corpo consigo mesmo, com outros corpos expressivos e com objetos de seu mundo” (OLIVER, 1995, p.52). Dessa maneira, a Educação Física necessita urgentemente manter seu aluno como um corpo por inteiro, devendo possuir um olhar não somente para as realizações motoras, mas sobretudo pela corporeidade, não podendo perder essa visão sobre o que é corpo e os movimentos que realiza. Esse fator resgata o processo educativo e significativo para a vida deste ser criança, oportunizando com isso sua humanização.

6 PROPOSTA DE EDUCAÇÃO SIGNIFICATIVA E RESSIGNIFICATIVA PARA O MOVIMENTO CORPORAL NO 1º E 2º CICLOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Será se a Educação Física Escolar também é uma educação “corporal”? Entende-se que a Educação Física é a ciência na qual estuda a ação humana, tanto do ponto de vista motor quanto social. Analisa o homem como agente transformador, que lança mão de suas ações, movimentos e expressões corpóreas; da sua cultura e consciência corporal em si para determinar e transformar o mundo e sua volta. Sendo

assim, sua presença no âmbito educacional exerce tarefas que não abrangem somente conteúdos de si próprio, como todas as outras disciplinas de ensino.

É necessário que o trabalho pedagógico da Educação Física Escolar seja manifestado com maior ênfase dentro da ação corporal, dessa forma cabe à Educação Física Escolar, uma busca de ações que oportunizem sentidos significativos, que atendam às necessidades dos educandos, formando com isso sua identidade corporal. Desse modo, observando o cotidiano de tais práticas corporais, nos inquietamos quanto à manifestação corpórea dos educandos, tentando entender o porquê de determinados procedimentos, atitudes e posturas realizadas durante as aulas. Ainda que nos torne claro que o objetivo deste estudo seja a questão educacional diante da ação corporal nas aulas de Educação Física Escolar, foi possível notar a necessidade e importância de uma tarefa ainda maior, a qual será observar e analisar as manifestações corpóreas dos educandos, tendo em mente qual significado educativo que a Educação Física Escolar vem desenvolvendo nos alunos, e qual o ressignificado dessa prática corporal em sua vida.

6.1 POSSIBILIDADES DE MUDANÇAS POR MEIO DO ESPORTE NA ESCOLA

Educar por meio da execução de esportes é o conteúdo principal para as aulas de educação física na atualidade. No entanto, sua aplicação normalmente se restringe a poucas modalidades, deixando de lado outras importantes, como o atletismo, a dança e a ginástica. O esporte também é transmitido, na maioria das vezes, com a ideia de competição, que deveria estar em segundo plano, pois o ideal seria educar através do esporte. Aprofundando o assunto, foi possível observar que algumas abordagens pedagógicas falam desse problema, além de alguns autores também acreditarem que é necessário transformar o esporte — que é aplicado nas escolas — em uma atividade que, ao invés de se preocupar em formar atletas, seja capaz de oferecer aos alunos um leque de opções de exercícios que os ajude na sua formação. Seguindo esse pensamento, Oliveira (2005, p.203) afirma que em um projeto para transformar as aulas de educação física num trabalho de reflexão do esporte, em que as crianças experimentam e vivenciam essa atividade, é necessário que construam outros valores para as aulas, resgatando a prática social como elo entre ensino e produção, transformando a escola numa fábrica de esportes.

De acordo com Kunz (1994, p.56), na escola o esporte deve alcançar o seu objetivo numa visão crítico-emancipatória, em que as crianças possam se desenvolver por meio dele, tornando-se adultos capazes de praticar esportes como crianças. Depois dessas considerações, ficou uma dúvida: como é possível transformar, por meio das abordagens pedagógicas, a aplicação do esporte na educação física escolar? Tais respostas são inúmeras, entretanto, o foco deste estudo é na aplicação de mais modalidades esportivas nas aulas de educação física, e no resgate do lúdico no esporte aplicado na escola. Nessa concepção, Bourdieu (apud OLIVEIRA, 2005, p. 117) emprega a dança como exemplo de atividade que se diferencia dos outros esportes por não se aprender simplesmente a repetição e sim a de expressões na ação corporal que transmite sentimentos.

Bracht (apud OLIVEIRA, 2005, p. 200) afirma que o desempenho pedagógico deve ser voltado para a recuperação do caráter lúdico no desporto na escola. Posteriormente, Oliveira (2005, p.199) declara que com o resgate do lúdico, a tentativa de separação entre jogo e esporte, seria rompida. Em síntese, percebe-se que, no mundo escolar, o esporte vem sendo empregado de maneira inadequada. Verificou-se que algumas mudanças precisam ser feitas no sentido de reorientar o esporte, dando maior ênfase ao lazer e menor à competitividade. O objetivo do presente estudo é contribuir para que, de fato, haja esta transformação do esporte na escola, discutindo algumas abordagens pedagógicas, mostrando o que essas falam sobre o esporte e indicando as possibilidades de aplicação dessa transformação.

6.2 O ESPORTE NA ESCOLA: SUA REALIDADE

É possível afirmar que o esporte é o conteúdo mais difundido nas aulas de Educação Física nas escolas. Sua aplicação é tão significativa no sistema de ensino escolar, que deixou de ser o esporte da escola para ser o esporte na escola, como se a Educação Física fosse subordinada aos princípios do esporte. Sendo assim, a relação entre professor e aluno passou a ser uma relação de professor-treinador e aluno-atleta.

De acordo com a definição do Conselho Federal de Educação Física (2002, p. 26), o esporte e a atividade competitiva, institucionalizado, é realizado conforme técnicas, habilidades e objetivos definidos pelas modalidades desportivas, determinado por regras pré-estabelecidas que lhe dá forma, significado e identidade, podendo também ser praticado com liberdade e finalidade lúdica estabelecida por seus praticantes, realizado em ambiente diferenciado, inclusive na natureza (jogos da natureza, radicais, orientação e outros).

Independentemente da afirmação acima, o esporte que se reproduz na escola, não é o esporte com ideais sociais e educativos, mas sim o esporte cópia do esporte rendimento, que leva poucas pessoas ao sucesso e muitas ao fracasso. O esporte de rendimento foi por muito tempo visto como se fosse à cura para todos os males. O correto, de acordo com os preceitos da Ed. Física, era ensinar valores morais e sociais, além de promover a saúde e a esperança de uma vida melhor.

Na escola, o esporte passou a assumir os princípios da instituição esportiva, dando maior valor a competição, concorrência e rendimento. Ao assumir estes, a escola tornou-se a base da pirâmide esportiva. Isso não significa que a competição não tenha seu valor, o problema está nos excessos que muitas vezes a competição leva. Betti (1991, p. 53), nas afirmações de Belbenoit, interrogou a possibilidade de existir um esporte sem competição, pois seria uma contradição, já que na essência do esporte há uma busca por afirmação, o que de alguma forma exige a defrontação entre os competidores. Segundo ele, o problema é a prioridade dada pela escola à competição e a formação de atletas, uma vez que a prioridade deveria ser fornecer o maior número de atividades formativas possíveis. Ainda nas considerações de Belbenoit, Betti (1991, p. 54) descreve que o problema da educação por meio do esporte, está na capacidade das virtudes superarem os vícios (doping, fraudes e vitória a qualquer preço). Nas palavras do autor (1991, p.55):

O desporto não é em si mesmo nem socializante nem anti-socializante. Não possui nenhuma virtude mágica. Ele é aquilo que se fizer dele. A prática de judô ou rãguebi pode formar tanto patifes como homens perfeitos preocupados com o "fair-play".

Na perspectiva de que o esporte na escola é capaz de educar, Bracht (1986, p. 65) pondera a educação por meio dessa atividade, que serve a instituição esportiva ter o significado de internalizar normas e valores comportamentais, para que o

indivíduo se adapte a sociedade capitalista. “Em suma, é uma educação que leva ao acomodamento e não ao questionamento. Uma educação que ofusca, ou lança uma cortina de fumaça sobre as contradições da sociedade capitalista”. Em geral, o esporte na escola está principalmente vinculado ao esporte de rendimento; quando na realidade, deveria estar ligado ao esporte lazer. Isso não se refere que essas duas dimensões não estejam relacionadas, pois o esporte lazer também forma atletas e o esporte de rendimento também educa. Podemos então concluir, que o ponto crucial para a reorientação do sentido do esporte na escola, é fazê-lo alcançar seu papel social.

6.3 ABORDAGENS CRÍTICAS

Nos anos 80, as abordagens críticas surgiram com o intuito de tratar a transformação social por meio da Educação Física e do esporte. De acordo com Darido, essas abordagens:

Surgem em oposição ao modelo mecanicista da Educação Física escolar, na tentativa de romper a hegemonia do esporte e da aptidão física, utilizando a tendência marxista. Essas abordagens, também chamadas de progressistas, começam a discutir o jeito alienante da Educação Física na escola. Numa perspectiva crítica, a Educação Física “estaria atrelada às transformações sociais, econômicas e políticas, tendo em vista a superação das desigualdades sociais” (DARIDO, 2008, p. 15).

Entre as abordagens críticas podemos encontrar duas principais tendências, sendo elas: a abordagem crítico-emancipatória e a abordagem crítica-superadora. Na primeira, é discutido a concepção propositiva não-sistematizada, pois apenas mostra uma nova prática e não sistematiza uma metodologia. Em contrapartida, a segunda tendência é uma concepção propositiva sistematizada, porque apresenta parâmetros e princípios metodológicos para a nova prática. Vale ressaltar, que apesar de as duas serem abordagens críticas, nem sempre suas posições são públicas. São nessas duas abordagens que o presente trabalho visa estudar a transformação do esporte aplicado nas escolas. Deixando claro aqui, que criticar o esporte não é ser contra ele, mas sim expor fatos para que este seja melhorado. Segundo Bracht (2000), criticar o esporte é tratá-lo pedagogicamente, colaborando para que ele assuma características mais adequadas.

A abordagem crítico-emancipatória, conforme Elenor Kunz (1994), em seu livro *Transformações didático-pedagógicas do esporte*, que se fundamenta na Filosofia, Sociologia e Política, tem seu objetivo na reflexão crítica emancipatória dos alunos, em que a temática principal está na transcendência de limites e esportes. Segundo Kunz (apud DARIDO, 2008, p. 16), o papel da educação emancipatória é libertar o aluno “das condições que limitam o uso da razão crítica e com isto todo o seu agir social, cultural e esportivo”. Esta libertação aconteceria a partir do momento em que as competências fossem desenvolvidas, sendo estas ligadas às categorias de trabalho. Para saber a forma que o esporte deve ser trabalhado na escola, autora aponta a competência comunicativa como prioridade na ação educativa, nesse momento, esta competência está ligada principalmente à linguagem verbal, desenvolvendo no aluno o aprender a compreender. Kunz e Oliveira afirmam esse pensamento ao dizer que:

Nesse entendimento, o aprendizado do esporte está relacionado ao entendimento crítico, “não se dá apenas pelas experiências objetivas, mas também pelo próprio falar sobre as experiências e entendimentos do mundo dos esportes” (KUNZ, apud OLIVEIRA, 2005, p.118 e 119).

Nesta abordagem, o professor busca a transcendência de limites do aluno, confrontando-o com sua realidade de ensino. Para ensinar, o professor deve levar o educando a descobrir, por meio da própria experiência, um caminho para uma boa participação nas atividades. Os alunos devem também expor suas práticas e aprender a interrogar sobre suas aprendizagens, a fim de entender o significado cultural. De acordo com o autor, para que se assegure essa condição crítico-emancipatória, é necessária a transformação individual e coletiva do sentido do esporte, junto à transformação prática. Sendo assim, é essencial a entrada do elemento reflexivo, permitindo o entendimento das possibilidades de reorientação do sentido do esporte.

Na abordagem crítico-superadora, os autores Valter Bracht, Lino Castellani Filho e Celi Taffarel afirmam, segundo a obra *Metodologia do Ensino da Educação Física* (1992), que na Filosofia Política, a abordagem tem na transformação social seu objetivo. Sua temática dá prioridade a cultura corporal e a visão histórica, com conteúdos como: conhecimento sobre o jogo, esporte, dança e ginástica. Sua metodologia está na tematização, na avaliação em considerar a classe social e na observação sistemática. Segundo Darido, a proposta desta abordagem:

Apoia-se na justiça social, levantando questões de como adquirimos os conhecimentos sobre poder, interesse, esforço e contestação. Valorizando a contextualização e o resgate histórico, possibilitando o aluno perceber as mudanças ao longo dos tempos (2008, p. 8).

Nessa perspectiva, Castellani Filho (1998, p. 53-54) decorre a finalidade da capacidade de apreensão (no sentido de compreensão) pela educação física, ou seja, “proporciona a intervenção autônoma, crítica e criativa do aluno nessa dimensão de sua realidade social, de modo a modificá-la, tornando-a qualitativamente distinta daquela existente”. Seguindo o pensamento do autor, a ação pedagógica deve ter o esporte como tema central, mas também considerar a dança e a ginástica. Além do mais, o mesmo escolhe para o processo de tematização, a competição como eixo articulador, com o sentido de superar possíveis erros. A competição nessa visão seria uma caixa de motivação que envolve os conteúdos. Vago (1996, p.7) defende a ideia de que a escola deve criar uma cultura escolar de esporte, interrompendo a reprodução das práticas de esporte hegemônicas. Conforme Oliveira (2005, p.141), o problema está na criação do esporte ao entrar na escola e sair sem modificações, sendo apenas reproduzido. A possibilidade de mudança desse fator está na atuação do professor, ensinada por um projeto político-pedagógico que modificam essas atividades físicas durante a vida escolar. Vago (1996, p.13) aponta o confronto dos valores do esporte (que o fazem excludente) com os valores da participação, respeito e do lúdico. Isso significa, nesse momento, dizer que a escola não deve repetir o trabalho e sim realizar o trabalho do esporte. Segundo Oliveira (2005, p.143), existe a necessidade de um diálogo entre essas duas abordagens, colocando um desafio a essas tendências sem abrir mão de suas diferenças, o que significa não abrir mão da própria qualidade de ser crítica, aprofundar o diálogo no sentido de potencializar o segundo polo de cada uma, numa síntese superadora-emancipatória.

6.4 OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) surgiram em 1998 parecidos com o modelo educacional espanhol, incluindo um documento específico para a Educação Física. Entre seus principais autores, podemos destacar Marcelo Jabu e Caio Costa, atuando em suas áreas de base que são a Psicologia e a Sociologia. A finalidade da Educação Física é introduzir o aluno na esfera da cultura corporal de movimento e sua temática está no conhecimento sobre o corpo, esportes, lutas, jogos, brincadeiras e atividades rítmicas e expressivas. (DARIDO, 2008, p. 19-21).

Possuindo assim objetivos bem amplos, os PCNs (1998) escolhem a cidadania como eixo norteador da Educação Física escolar, e possuem três princípios: o princípio da inclusão, as dimensões dos conteúdos e os temas transversais. Em relação ao esporte, o documento diz que as atividades desportivas não se restringem aos simples exercícios de habilidades, mas capacitar os alunos a refletir sobre as possibilidades corporais, discernindo o caráter mais competitivo ou recreativo de cada situação. Envolver-se nas atividades e aprender a diferenciá-las. É possível afirmar que a abordagem dos PCNs é bem ampla, apontando diversas possibilidades como a saúde, o lazer e a reflexão crítica da cultura corporal do movimento

6.5 INSERÇÃO DE NOVAS MODALIDADES ESPORTIVAS

Atualmente, algumas escolas dividem as aulas de Educação Física em modalidades por bimestre, utilizando durante o ano somente quatro modalidades, além disso, este modelo é repetido ao longo dos anos para todos os períodos e alunos. Betti (1999, p.25-28) comenta sobre esse problema e faz uma reflexão: onde está o conteúdo da Educação Física, como a dança, ginástica e atletismo? Para a autora, possivelmente, a resposta está na “insegurança dos professores em relação aos conteúdos que não dominam, e desta forma trabalham com o que possuem mais afinidade”. Nota-se que os professores ainda pensam muito no ensino por demonstração. Sem menosprezar o seu valor, ela acredita que o professor deve fazer o aluno pensar no movimento realizado. Aplicando as considerações de Bourdieu, Oliveira (2005, p.116) considera que o interessante dessa situação é o “sei fazer, mas não sei explicar como se faz”, em relação ao ensinamento da consciência corporal para os alunos. Mesmo sabendo que em muitas situações o gesto é aprendido por imitação, na escola e nos desportos não é adequado utilizar o “faça como eu” como forma de ensino. Podendo citar o exemplo da dança, o autor acredita na problematização como estratégia para que a expressão corporal aflore, e na expressão corporal a possibilidade de um gesto inusitado. Em geral, os professores devem mostrar aos alunos a maior quantidade possível de modalidades esportivas, e não apenas limitar aos esportes mais populares. É obrigação também dos professores, inserirem dentro dessas atividades a possibilidade de transformação e reflexão do aluno, tornando assim possível alcançar a educação por meio do esporte. Consoante Betti, alguns professores de Educação Física:

Utilizam como argumento para a pouca variedade de modalidades, a questão do espaço e do material. Em relação ao espaço, recorre-se mais uma vez ao exemplo da dança, que necessita apenas de um espaço qualquer e um aparelho de som. E com essa modalidade, podem ser incluídas dentre outras coisas, as danças folclóricas. Quanto ao material, o exemplo é o do atletismo, que é pouco trabalhado, e quando é, tem seu conteúdo reduzido a corridas e saltos. Isto pode ser superado facilmente com a utilização de materiais adaptados, como latas e cabos de vassoura, pneus e areia, como obstáculos. (1999, p.29)

6.6 O RESGATE DO LÚDICO NO ESPORTE

Entretanto, foi percebida a necessidade de ser resgatado a ludicidade no esporte, principalmente para torná-lo mais educativo. Hoje, com a característica competitiva que o esporte ganhou, o lúdico vem sendo esquecido com o passar do tempo. Vale ressaltar, nesse momento, uma definição sobre ludicidade. Para Oliveira (2005, p.200), o resgate do lúdico no esporte da escola transformaria “o compromisso com a vitória em compromisso com a alegria e o prazer”. O lúdico seria o conjunto de elementos especificamente humanos que cria espaço entre o real e o imaginário, no qual sua criatividade transforma-se de acordo com a cultura, a história e as condições existentes em que indivíduo se insere.

Em relação às considerações de Gruneau, Bracht (1997, p.119) define que o caráter lúdico no esporte persiste como forma de “resistência a total instrumentalização do esporte”. O teórico Rigo, em sua obra (1995, p.91), questiona as características que o Esporte Moderno está absorvendo em relação aos valores. O autor sugere que a Educação Física, ao tematizar em suas aulas, o Esporte Moderno deve ter a preocupação em resgatar e valorizar neste, as características do “jogo” e do universo lúdico, que de alguma maneira ainda sobrevivem, mesmo que timidamente, dentro dele.

Percebeu-se que existe uma discussão entre jogo e esporte, e a particularidade entre eles é evidenciada por meio da atividade lúdica. Nessa visão, Bruhns (1991, p.10) destaca dois argumentos importantes. O primeiro está ligado à relação à supervalorização do esporte, que faz os professores não perceberem a “dimensão educativa da atividade lúdica”. Já o segundo argumento, a autora distingue o esporte

em duas ações: jogar e praticar. Praticar seria no sentido de treinamento, exigindo um adversário, por outro lado, jogar tem um sentido lúdico, exigindo um parceiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se fala em ensino da Educação Física Escolar, é necessária uma profunda transformação pedagógica, em que sua teoria não afaste o educando de sua prática, nem que a sua prática se afaste de sua teoria, isso é dar sentido às ações educacionais por uma postura comprometida com o fazer pedagógico significativo. Diante disso, a Educação Física deve caminhar para além da simples técnica corporal, uma vez que:

[...] o trabalho do professor de Educação Física [...] vai muito além da pura e simples transmissão da técnica da ginástica, do esporte, etc. É fundamental que realmente a aula de educação Física se transforme num ambiente crítico, onde a riqueza cultural estabeleça um trampolim para a crítica. (GUIRALDELII JR., 1997, p. 58)

De acordo com a citação, o trabalho do professor de Educação Física requisita que atentemos para a realidade do educando, o qual vem organizando com isso suas tarefas práticas. Caso isso não aconteça, a Educação Física enquanto componente curricular escolar continuará alimentando ainda mais a exclusão, a mecanização de movimentos em detrimento da criatividade e imaginação dos educandos.

Em relação à lei 9.394, “a Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar” (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997, p.24). Com isso, se torna imprescindível que o professor de Educação Física, diante do seu papel educacional, reconheça a comunicação transmitida dentro das ações corporais manifestadas pelos educandos, e construa valores significativos com suas ações, para que não reproduza os ideais de uma sociedade fragmentada, a qual distancia-se o corpo de suas posições concretas, o que conseqüentemente refletirá não somente dentro da escola, mas principalmente em vida, em sociedade.

Por esse ponto de vista, vale ressaltar a cultura corporal das crianças como sendo uma das mais fortes manifestações a gerarem possibilidades que atendam os significados e sentidos das necessidades corporais, já que os conteúdos de ensino como ginástica, jogo, esportes, dança e lutas coexistem para sustentar o discurso cultural, sendo aplicados e transformados diante da realidade em que são apresentados. Este ponto é apresentado como forma de elucidar o trabalho educativo do professor de Educação Física no interior da escola, remetendo ao mesmo a função transformadora da Educação Física Escolar, sendo uma tarefa que vai muito além do simples ensinar de técnicas, movimentos e regras, isso são apenas minúsculos fragmentos do todo, que necessita ser contextualizado.

É recomendado estar intrinsecamente relacionado com o tempo e o espaço, os quais vivificam os ensinamentos da Educação Física Escolar; tornar o

ensino da Educação Física uma ação voltada para o presente, não ficando subjetiva com um discurso voltado apenas para o futuro, pois o corpo que hoje manifesta movimentos, os manifesta até o fim de sua vida. Mediante essas afirmações, propõe-se desenvolver alguns aspectos que favorecem a atividade do professor de Educação Física juntamente com os educandos, dentro ou fora da sala de aula. É necessário apresentar esses aspectos para que haja um bom desenvolvimento do professor diante das dificuldades enfrentadas no âmbito da Educação Física, são eles:

- Que o profissional de Educação Física seja integrado enquanto elemento educativo, participando da construção dos projetos da escola;
- Proporcionar durante suas aulas que os educandos contenham espaço para questionamentos acerca do que estão realizando enquanto práticas corporais, promovendo assim discussões acerca dessas ações ao longo de suas vidas;
- Compreender como são os corpos dos alunos refletindo sobre sua realidade, e de como as atividades podem ser desenvolvidas de forma viabilizadora e significativa;
- Acrescer seu repertório corporal, oportunizando novos movimentos corporais às suas aulas;
- Implantar novas formas de movimentos incentivando a exploração e a criatividade dos educandos em suas práticas corporais;
- Favorecer atividades lúdicas, prazerosas e de lazer que atinjam o bem-estar na realização das práticas corporais despertando possíveis sentidos educacionais;
- Estimular o poder de movimentação da criança, motivando-a diante das suas ações corporais;

Esses aspectos terão que ser trabalhados para a realização das aulas, com isso, as práticas corporais serão criadas e reconstruídas, diminuindo dessa forma com a mera repetição dada como pronta e acabada de movimentos mecanizados, os quais distanciam os sentidos e significados que se desejam alcançar com a prática da Educação Física Escolar no Ensino Fundamental 1º e 2º ciclo.

Na educação infantil e no ensino fundamental, as crianças estão em fase de formação, na busca de conteúdo. É exatamente nessas fases que acontecem a

preparação para o mundo externo, para a alfabetização, para o aprendizado em geral, para o desenvolvimento motor, etc. Logo se torna de suma importância as aulas de Ed. Física nos anos iniciais, e a conscientização dos professores regentes de que não se deve “punir” o educando tirando-o das aulas de Ed. Física

O brincar das crianças, que acontece com frequência nas aulas de Ed. Física, é de suma importância para o aprendizado dos conteúdos escolares, sendo contrário à forma somente falada da educação. Vygotsky (1998) afirma que ao brincar, a criança interpreta as ações dos adultos, projetando-se no mundo deles, assumindo um comportamento e desempenhando papéis que nem sempre são infantis. O autor também ressalta que ao brincar, a criança altera a dinâmica da vida real, pois não reproduz o jogo da mesma forma em que a situação foi vivenciada. Segundo o mesmo, o “jogo da criança não é uma recordação simples do vivido, mas sim a transformação criadora das impressões para a formação de uma nova realidade que responda às exigências e inclinações da própria criança”. O brincar é tão importante para o desenvolvimento da criança, quanto o alimento, o exercício e o repouso. O simples ato de brincar, faz com que a criança não apenas imite o cotidiano, mas também a transforma. É por meio das brincadeiras, que se imita, se imagina, vivencia, se cria, representa e se comunica. Segundo CANABARRO (2011), o brincar permite que cada um seja autor de seus papéis, escolhendo-os, elaborando-os e agindo de acordo com suas fantasias e conhecimentos, podendo inclusive solucionar problemas que possam aparecer. “Está é uma ocasião de internalizar e elaborar sentimentos e emoções, desenvolvendo o senso de justiça e moral” como afirma Piaget. Pode-se afirmar que Ed. Física é a aula mais lúdica oferecida na escola. É nela que a criança cria, recria, pula, imagina, se diverte, corre, desenha, pinta e estimula-se. O LÚDICO, segundo o dicionário MICHAELIS (2011), quer dizer o que se refere a jogos e brincadeiras. O termo lúdico tem origem do latim “ludus” e significa jogo. É este termo que melhor abrange e define as atividades desenvolvidas nas aulas de Ed. Física.

No ato de brincar, a criança não tem medo de errar processando seus conhecimentos. O Brincar utilizando a música, as danças, as cantigas de rodas, poemas, lendas e histórias, amplia o pensar sobre o mundo, ajuda a formar os futuros cidadãos. Vygotsky, ao analisar as brincadeiras das crianças, já concluía que elas criavam suas situações imaginárias, em que sempre existiam regras. Segundo Piaget

(1978), assim sendo, ao brincar, a criança utiliza suas estruturas cognitivas e coloca em prática ações que estimulam sua aquisição de conhecimentos. Além disso, a Ed. Física é responsável pelo desenvolvimento motor e pelo combate às diversas doenças ligadas ao sedentarismo, como a diabetes, a obesidade e as doenças cardíacas; promove também o fortalecimento de músculos e articulações, entre vários outros benefícios. GALLAHUE (2005) afirma que “o desenvolvimento motor é parte de todo o comportamento humano. O desenvolvimento cognitivo, o desenvolvimento afetivo e o desenvolvimento motor, estão relacionados”.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Marta Genú S. **O Movimento e a práticas escolares: uma abordagem metodológica**. Belém: GTR Gráfica e Editora, 2005.

BRASIL. Secretária de educação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Educação Física. Brasília: MEC / SEF, 1997.

CASTELLANI Filho, Lino. **Educação Física no Brasil: A história que não se conta**. Campinas, SP Papyrus, 1998.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DAÓLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. 7 ed. Campinas: Papirus, 2003.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: Teoria e prática da educação física**. 3ª edição. São Paulo: Scipione, 1992.

GADOTTI, M. **Concepção Dialética da Educação: um estudo introdutório**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar e agir: corporeidade e educação**. Campinas, SP: Papirus, 1994.

GRESPLAN, Maria Regina **Educação física no ensino fundamental: Primeiro ciclo** - Campinas, SP: Papirus, 2002.

GUIRALDELLI, JR. Paulo. **Educação Física Progressista: a pedagogia Crítico Social dos Conteúdos e a Educação Física brasileira**. 6 ed. São Paulo: Lpyola, 1998.

LE BOULCH, J. **A educação psicomotora: psicocinética na idade escolar**. WOLF, Jeni. [trad.]. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MATTOS, Mauro Gomes de. **Educação física infantil: construindo o movimento na escola**. Guarulhos, SP: Phorte Editora, 1999.

MARCELINO, Nelson Carvalho **Pedagogia da animação**. 7 ed. Campinas, SP: Papirus, (Coleção Corpo e Motricidade) 1989.

MEDINA, João Paulo S. **A Educação Física cuida do corpo ...e "mente": bases para a renovação e transformação da Educação Física**. 8 ed. Campinas: Papirus, 1989.

MEDINA, João Paulo S. **O brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo**-Campinas, SP: Papirus, 1987.

MOREIRA, Wagner Wey. **Educação Física Escolar: a busca de relevância**.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **Consenso e conflito da educação física brasileira**. Campinas: Papyrus, 1994.

SAVIANI, Demerval. **Filosofia da educação brasileira**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 1998.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE. **Psicomotricidade**, 2019. Página inicial. Disponível em: <<https://psicomotricidade.com.br/>>. Acesso em: 10 de nov. de 2018.